



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

RODRIGO DA SILVA ALMEIDA

**HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO: PRODUÇÃO DE
SENTIDOS EM NARRATIVAS DE JOVENS NO ENSINO SUPERIOR**

Maceió - AL

2021

RODRIGO DA SILVA ALMEIDA

HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO: PRODUÇÃO DE
SENTIDOS EM NARRATIVAS DE JOVENS NO ENSINO SUPERIOR

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (PPGpsi), do Instituto de Psicologia (IP), na linha de pesquisa: Saúde, Clínica e Práticas Psicológicas, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Maria Vieira.

Maceió - AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A447h Almeida, Rodrigo da Silva.

Historiografia das práticas de automutilação : produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior / Rodrigo da Silva Almeida. – 2021. 96 f.

Orientadora: Nadja Maria Vieira.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2021.

Inclui bibliografias.

Apêndices: f. 84-89.

Anexos: f. 90-96.

1. Automutilação. 2. Historiografia. 3. Narrativas pessoais como assunto.
4. Produção de sentidos. I. Título.

CDU: 616.89-008.441.45



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO DA SILVA ALMEIDA

Título do Trabalho: “HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO: PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM NARRATIVAS DE JOVENS NO ENSINO SUPERIOR”.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof. Dra. Nadja Maria Vieira da Silva (PPGP/UFAL)

Examinadores:

Prof. Dr. Henrique Jorge Simões Bezerra (UFPB)

Prof. Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 21 de julho de 2021.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por concretizar o sonho de cursar o mestrado em Psicologia (quem me conhece sabe que sempre foi muito importante poder cursar o mestrado em minha área de formação) e pela oportunidade de poder pesquisar sobre esse tema que é tão caro para mim - as práticas de automutilação. Também quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para que esse sonho pudesse se concretizar: a minha orientadora, a Profa. Dra. Nadja Maria Vieira, por aceitar minha proposta de pesquisar sobre essa temática e por me auxiliar a ampliar meus horizontes como pesquisador na área de Psicologia, docente e também como pessoa, a ter mais maturidade e a desenvolver um olhar mais crítico sobre os fenômenos humanos e a pesquisa em Psicologia.

Também quero agradecer aos meus familiares, especialmente minha mãe, Leonice Antonio da Silva, minha irmã, Ryanny Almeida, meus avós maternos Maria de Lourdes e Leonardo Antonio (*in memoriam*); ao meu pai, José Claudionor e aos meus avós paternos Grinauria Almeida e José Santana; ao meu cunhado, Daniel Aureliano, bem como aos demais familiares pelo apoio e incentivo durante esse período. E também aos amigos: Sônia Crispim, Marcone Lessa, Rui Lamemha, Mayara Porto, Lucas Martins, Rafael Jaires, Marta Jaires, Marília Beserra, Sandra Araújo, Ewerton Vinícius e Jordana Araújo.

Agradeço aos meus colegas de percurso no mestrado, especialmente Andréa Adriana, Rodrigo Pimentel e Alinne Ferreira e Leilane Ferreira e aos demais colegas integrantes do grupo de pesquisa Processos Educacionais e Desenvolvimento Humano, liderado pela minha orientadora, a Profa. Dra. Nadja Vieira, pelos momentos de partilha, reflexão e aprendizado que vocês me proporcionaram. Agradeço aos professores e professoras do Instituto de Psicologia e à coordenação do PPGPsi da UFAL, especialmente a Polyanna Azevedo e a Maria Costa, sempre disponíveis para nos ajudar.

Expresso ainda a minha gratidão a todos e todas as participantes desta pesquisa, por terem contribuído para a produção de conhecimento sobre as práticas de automutilação, sem vocês esta dissertação não teria sido possível. Finalmente, quero também agradecer a cada leitor e leitora desta pesquisa, vocês também fazem parte desta dissertação, sintam-se abraçados e abraçadas por mim.

RESUMO

Na atualidade, observa-se um aumento na incidência da automutilação nas escolas e na sociedade em geral, configurando um problema de saúde pública. Analisamos a literatura e observamos que a maior parte das pesquisas sobre este fenômeno possui um viés predominantemente biomédico, cujo foco está na dimensão intrapsicológica e que não há um consenso entre os estudiosos sobre como nomeá-lo. Avaliamos esse cenário e observamos que ele permeia uma tendência para estigmas, preconceitos, exclusão e medicalização das pessoas envolvidas com essas práticas. Destacamos a importância de uma discussão que também aborde os seus aspectos interpsicológicos. Observamos, também, a inexistência de estudos sistemáticos que discutam a historicidade dessas práticas. A possibilidade de abertura para a proposição e diversificação de modos de prevenção e enfrentamento deste fenômeno, levou-nos a apresentação da presente proposta de pesquisa, que teve como objetivo investigar implicações historiográficas na negociação de sentidos sobre automutilação nas narrativas de graduandos em Psicologia. A presente dissertação constitui-se de dois capítulos formatados como artigos científicos. No primeiro artigo discutimos, a partir de uma revisão da literatura, sobre uma breve historiografia das práticas de automutilação, na qual argumentamos que a automutilação não é uma prática apenas da atualidade, visto que se revela, com diversidade, ao longo da história da humanidade, relacionada com aspectos socioculturais subjacentes às experiências humanas no mundo. No segundo artigo descrevemos uma pesquisa-intervenção que realizamos com o objetivo de investigar implicações historiográficas na negociação de sentidos sobre automutilação nas narrativas de graduandos em Psicologia. A metodologia, foi um ciclo de sete oficinas, que consistiram em atividades para fomentar a escrita de narrativas pelos participantes. Todas as oficinas foram realizadas de forma remota, através da plataforma *Google Meet*, para preservar o isolamento social, prescrito por órgãos gestores da saúde pública, como medida para conter o avanço da COVID-19. Os resultados do ciclo de oficinas, indicaram que os participantes mudaram a forma como concebiam as práticas de automutilação, sinalizando-se o movimento da historicidade e suas implicações para convivência com pessoas que a praticam. A partir dos procedimentos metodológicos utilizados, concluímos que o foco na historicidade da automutilação revelou aspectos importantes à convivência com pessoas que praticam automutilação. Além disso, consideramos que nossa abordagem crítica, eminentemente comprometida com os aspectos culturais e ético-políticos do desenvolvimento humano é um fomento à necessária abertura à diversificação de condutas teórico-metodológicas para estudar o fenômeno das práticas de automutilação.

Palavras-Chave: Práticas de Automutilação; Historiografia; Narrativas; Produção de Sentidos.

HISTORIOGRAPHY OF SELF-MUTILATION PRACTICES: PRODUCTION OF SENSES IN NARRATIVES OF YOUNG PEOPLE IN HIGHER EDUCATION

ABSTRACT

Currently, there is an increase in the incidence of self-mutilation in schools and in society in general, configuring a public health problem. We analyzed the literature and observed that most research on this phenomenon has a predominantly biomedical bias, whose focus is on the intrapsychological dimension and that there is no consensus among scholars on how to name it. We evaluated this scenario and observed that it permeates a tendency towards stigma, prejudice, exclusion and medicalization of people involved in these practices. We emphasize the importance of a discussion that also addresses its interpsychological aspects. We also observe the lack of systematic studies that discuss the historicity of these practices. The possibility of opening up to the proposition and diversification of ways of preventing and *coping* with this phenomenon led us to present this research proposal, which aimed to investigate historiographical implications in the negotiation of meanings about self-mutilation in the narratives of undergraduates in Psychology. This dissertation consists of two chapters formatted as scientific articles. In the first article, we discuss, based on a literature review, a brief historiography of self-mutilation practices, in which we argue that self-mutilation is not just a current practice, as it reveals itself, with diversity, throughout human history, related to sociocultural aspects underlying human experiences in the world. In the second article, we describe an intervention research that we carried out with the aim of investigating historiographic implications in the negotiation of meanings about self-mutilation in the narratives of undergraduates in Psychology. The methodology was a cycle of seven workshops, which consisted of activities to encourage the writing of narratives by the participants. All workshops were held remotely, through the Google Meet platform, to preserve social isolation, prescribed by public health management bodies, as a measure to contain the advance of COVID-19. The results of the cycle of workshops indicated that the participants changed the way they conceived the practices of self-mutilation, signaling the movement of historicity and its implications for living with people who practice it. Based on the methodological procedures used, we concluded that the focus on the historicity of self-mutilation revealed important aspects of living with people who practice self-mutilation. Furthermore, we consider that our critical approach, eminently committed to the cultural and ethical-political aspects of human development, is an encouragement to the necessary opening to the diversification of theoretical-methodological approaches to study the phenomenon of self-mutilation practices.

Keywords: Self-Mutilation Practices; Historiography; Narratives; Production of Meanings.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplos de critérios de segmentação das unidades temáticas	53
Quadro 2 - Narrativa individual 1	54
Quadro 3 - Narrativa individual 2	54
Quadro 4 - Narrativa individual 3	55
Quadro 5 - Narrativa individual 4	56
Quadro 6 - Narrativa individual 5	56
Quadro 7 - Narrativa individual 6	56
Quadro 8 - Narrativa individual 7	57
Quadro 9 - Narrativa individual 8	58
Quadro 10 - Narrativa individual 9	58
Quadro 11 - Narrativa individual 10	59
Quadro 12 - Narrativa individual 11	59
Quadro 13 - Narrativa individual 12	59
Quadro 14 - Narrativa individual 13	61
Quadro 15 - Narrativa individual 14	62
Quadro 16 - Narrativa individual 15	62
Quadro 17 - Narrativa coletiva 16 (Passado)	64
Quadro 18 – Narrativa coletiva 17 (Presente)	65
Quadro 19 – Narrativa coletiva 18 (Futuro)	67
Quadro 20 – Frequência na narrativa coletiva (Passado)	85
Quadro 21 – Frequência nas narrativas individuais (Presente)	85
Quadro 22 – Frequência na narrativa coletiva (Presente)	86
Quadro 23 – Frequência na narrativa coletiva (Futuro)	86
Quadro 24 – Campos semânticos da narrativa coletiva (Passado)	70
Quadro 25 – Campos semânticos das narrativas individuais (Presente)	72
Quadro 26 - Campos semânticos da narrativa coletiva (Presente)	73
Quadro 27 - Campos semânticos da narrativa coletiva (Futuro)	73
Quadro 28 - Agrupamento geral das unidades temáticas por campo semântico	75

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2. MANUSCRITO 1: Breve historiografia das práticas de automutilação	13
3. MANUSCRITO 2: Implicações historiográficas nas narrativas de graduandos em Psicologia	43
4. APÊNDICES	83
5. ANEXOS	88

Não convém estudar o homem como uma criatura que permaneceu continuamente com as mesmas qualidades essenciais que adquiriu na natureza, mas como um ser que permanece em constante mudança.

Vigotski; Luria, 1996, p. 220

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A experiência do autor com este tema surgiu ainda no período da sua graduação em Psicologia, durante o estágio em Psicologia Escolar, quando casos de automutilação lhe foram revelados. Posteriormente, esse interesse foi resgatado ao ingressar no Mestrado em Psicologia. Na perspectiva da elaboração de um projeto de pesquisa, como requisito necessário ao curso de mestrado, ao longo das leituras sobre o tema das práticas da automutilação, surgiram as seguintes inquietações: Quais os sentidos atribuídos a estas práticas pelos estudantes? Quais as implicações da história desse fenômeno sobre os sentidos atribuídos pelas pessoas à automutilação na atualidade? É possível abordar a automutilação de forma diferente daquela prescrita no modelo biomédico? Observa-se, então, que subjacente a essas questões estão uma preocupação com o olhar atualmente predominante sobre essa manifestação das experiências humanas no mundo.

A principal justificativa para esta proposta de investigação é o aumento da incidência de automutilação nas escolas e na sociedade em geral, configurando um problema de saúde pública. A ausência de um consenso entre os autores sobre como nomear esse fenômeno tem contribuído para que ele receba várias denominações, como: automutilação, autolesão, comportamento autolesivo, autodano, lesão autoprovocada intencionalmente, escarificação, lesão autoinfligida, cutting, etc. (ALMEIDA *et al.*, 2018).

Considerando que essas práticas vão muito além dos cortes e lesões autoinfligidas, abrangendo também comportamentos de arranhar e\ou escavar o próprio corpo, puxar pelos e cabelos, esfregar cacos de vidro e\ou outros objetos cortantes\ perfurantes, acompanhado por sangramento, infectar ou ferir a si mesmo, inserir objetos em cavidades do corpo, etc. Optamos então pelo termo automutilação, por ser o descritor mais referenciado nas literaturas (ARATANGY *et al.*, 2017; DETTMER, 2018; DEMANTOVA, 2020).

Essas questões nos mobilizaram a uma análise da literatura sobre o tema e não encontramos estudos sistemáticos que focalizem implicações historiográficas para produção de sentidos sobre as práticas de automutilação. Além disso, há uma escassez de publicações sobre

os aspectos sociais e culturais relacionados com essas práticas visto que, a maior parte das pesquisas tem um viés exclusivamente biomédico. Percebemos que o enfoque biomédico, não abre oportunidade para discussões sobre a inclusão educacional, por exemplo, nem incentiva proposição de políticas públicas. Avaliamos esse cenário e observamos que ele permeia uma tendência para estigmas, preconceitos, exclusão e medicalização das pessoas envolvidas com essas práticas. Incluíamo-nos, então, para uma perspectiva histórica, que significa reconhecer que a automutilação não é uma prática atual, visto que se revela com diversidade ao longo da história da humanidade, relacionada com aspectos socioculturais subjacentes às experiências humanas no mundo.

Nessa perspectiva, destacamos a importância do enfoque nos aspectos interpsicológico no âmbito dessa prática, em contraste com o modelo biomédico predominante, que tem se caracterizado pelo foco isolado na dimensão do sofrimento psíquico individual. Justificamos nossa posição a partir de Valsiner (2012) que destaca o laço constante e dinâmico entre a cultura coletiva e a cultura pessoal, elo sustentado na atividade semiótica com princípio operante da psique humana. Endossamos o argumento do autor de que cada pessoa é única e o seu desenvolvimento psicológico é ativado com processos semiótico-cultural e histórico, revelando-se em constante transformação e que, tanto a cognição quanto os afetos humanos são constituídos a partir das experiências culturais humanas.

Esses pressupostos foram imprescindíveis para a nossa proposição de um enfoque histórico-cultural da automutilação. Apresentamos aqui dois momentos dessa abordagem. O primeiro momento tem o título de BREVE HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO. Trata-se de uma revisão da literatura sobre as práticas de automutilação, a partir da qual discutimos sobre o método historiográfico aplicado à Psicologia. Ancoramos essa discussão à crítica que Walter Benjamin (1993) faz a concepção de história universal. Ao longo da revisão bibliográfica fortalecemos o nosso reconhecimento de que a automutilação não é uma prática atual, visto que se revelou com diversidade ao longo da história da humanidade, relacionada com aspectos socioculturais subjacentes às experiências humanas no mundo.

O segundo momento da nossa abordagem sociocultural sobre essas práticas tem o título de IMPLICAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS NAS NARRATIVAS DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA SOBRE AUTOMUTILAÇÃO. Trata-se de uma pesquisa de campo, na qual discutimos sobre como concepções, teorias e métodos aplicados à construção do conhecimento sobre as práticas de automutilação, ao longo de diferentes fases históricas da sociedade humana,

foram refletidos na negociação de sentidos sobre automutilação nas narrativas de graduandos em Psicologia.

A pesquisa de campo que descrevemos aqui, teve o objetivo geral de *investigar implicações historiográficas na negociação de sentidos sobre automutilação nas narrativas de graduandos em Psicologia*. Como estratégia metodológica nessa pesquisa, mobilizamos a experiência de se colocar no lugar do outro (empatia), considerando-se que os participantes não foram, especificamente, pessoas que recorrem às práticas de automutilação. Reconhecemos na adoção dessa estratégia metodológica, uma coerência com nossa posição teórica e metodológica, de que essas práticas são expressões humanas reveladas no nível das relações interpessoais. Nesse sentido, foi realizado um ciclo de sete oficinas virtuais, com a participação de 15 estudantes de Psicologia da UFAL. As oficinas foram semanais, com duração média de duas horas, nas quais os participantes foram instruídos à escrita de narrativas individuais e coletivas sobre as práticas de automutilação. O nosso propósito com essa análise foi agregar sugestões metodológicas para um estudo crítico e eminentemente comprometido com aspectos culturais e ético-políticos das práticas de automutilação.

MANUSCRITO 1: BREVE HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO

RESUMO

Nosso propósito foi discutir como aspectos historiográficos impactam na produção de conhecimento atual sobre as práticas de automutilação. Como fundamento para as nossas discussões, resgatamos a crítica de Walter Benjamin à concepção de História Universal. Nessa crítica, o autor destaca que uma abordagem historiográfica deve privilegiar a saturação de “agoras”, para a qual resgata-se o passado e arquiteta-se expectativas para o futuro. O nosso trabalho consiste em uma revisão sistemática da literatura indexada em bases de dados virtuais, acerca de comportamentos humanos autolesivos, considerando-se três períodos históricos: Idade Média, Moderna e Contemporânea. Os resultados mostram que as práticas de automutilação não são uma exclusividade do nosso tempo, tendo passado por revisão de significados ao longo dos três períodos estudados. Indicaram também, que não existe um consenso entre os estudiosos sobre quando e onde elas surgiram. Além disso, constatamos uma escassez de publicações sobre os seus aspectos sociais e culturais, visto que a maior parte das pesquisas tem um viés exclusivamente clínico, biomédico e neurobiológico. Esta historiografia deu-nos visibilidade às variações incidentes sobre as práticas automutilação ao longo do tempo. Concluímos que esse método pode agregar possibilidades para a pesquisa em Psicologia, no sentido de rever essa tradição experimental universalista e assumir uma produção de conhecimento sobre a pessoa humana mais comprometida com a visibilidade de aspectos éticos-políticos-sociais.

Palavras-Chave: Práticas de Automutilação; Historiografia Crítica; Psicologia Cultural.

BRIEF HISTORIOGRAPHY OF SELF-MUTILATION PRACTICES

ABSTRACT

Our purpose was to discuss how historiographical aspects impact the production of current knowledge about self-mutilation practices. As a foundation for our discussions, we rescue Walter Benjamin's critique of the concept of Universal History. In this critique, the author emphasizes that a historiographical approach must privilege the saturation of “nows”, for which the past is rescued and expectations for the future are constructed. Our work consists of a systematic review of the literature indexed in virtual databases about self-injurious human behavior, considering three historical periods: Middle Ages, Modern and Contemporary. The results show that self-mutilation practices are not exclusive to our time, having undergone a review of meanings over the three periods studied. They also indicated that there is no consensus among scholars about when and where they arose. In addition, we found a scarcity of publications on its social and cultural aspects, since most research has an exclusively clinical, biomedical and neurobiological bias. This historiography gave us visibility to the variations that occurred on self-mutilation practices over time. We conclude that this method can add possibilities for research in Psychology, in the sense of reviewing this universalist experimental tradition and assuming a production of knowledge about the human person more committed to the visibility of ethical-political-social aspects.

Keywords: Self-Mutilation Practices; Critical Historiography; Cultural Psychology.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por que discutir uma perspectiva historiográfica sobre as práticas de automutilação? Porque, observamos, a partir de uma análise da literatura sobre o assunto, o predomínio do enfoque clínico, biomédico e neurobiológico. Avaliamos esse cenário e marcamos que, relacionado ao modelo biomédico cresce uma tendência para estigmas, preconceitos, exclusão e patologização das pessoas envolvidas com essas práticas. Na apreciação ainda preliminar da literatura, registramos a configuração de uma rede complexa de fatores implicados na automutilação, que favoreceu a abertura para diversificar abordagens na produção de conhecimento sobre este fenômeno.

Ancorados nas discussões sobre historiografia de Walter Benjamin (1892-1940) e na Psicologia Cultural de Jaan Valsiner (2012), Lev Vigotski (1999; 2004), endossamos o argumento de que a pesquisa em Psicologia consiste numa prática social reflexiva e assumir uma perspectiva histórica significa reconhecer que o estudo da automutilação deve considerar suas transformações frequentes, visto que é uma manifestação discutida por estudiosos desde períodos mais remotos da história das sociedades humanas.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA SELEÇÃO E ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

De acordo com Catão (2016), a escrita historiográfica não se resume a uma mera descrição dos fatos, pois requer uma análise crítica a respeito deles. Com essas características, ela é uma prática cultural relacionada com as experiências da humanidade ao longo do tempo, podendo ser feita a partir de diferentes formas e interpretações, a depender da abordagem epistemológica adotada (CONCEIÇÃO, 2016). Assumimos como referência, a teoria da história de Walter Benjamin, que possui uma perspectiva historiográfica marxista, tomando como alicerce a sua concepção de História. Mais especificamente, utilizaremos como ponto de partida o seu texto “Novas teses sobre o conceito de história”, para também reafirmar sua questão epistemológica: “*Que História queremos fazer?*” (BENJAMIN, 1993).

Benjamin (1993) propõe então uma historiografia que volta ao passado, mas direcionada para a transformação do presente, promovendo uma quebra da cronologia historicista. Nessas condições “[...] a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras” (BENJAMIN, 1993, p. 229). Para ele, o historiador não é neutro, mas age historicamente. Isso significa que uma

historiografia, apesar de seguir princípios metodológicos coerentes, possui flexibilidade, para que eles sejam criados e recriados sempre que houver necessidade.

Como procedimento organizamos a análise da bibliografia levantada, considerando três períodos históricos: *Idade Média* (476-1573) e *Idade Moderna* (1473-1789) e *Idade Contemporânea* (1789- dias atuais). Ressaltamos, entretanto, que subjacente à leitura e análise desses discursos históricos escritos estiveram reflexões atuais do pesquisador, que articulou opiniões e sentidos alinhados com os objetivos da pesquisa, de desenvolver uma abordagem sobre essas práticas com ênfase em aspectos socioculturais, para preencher lacunas promovidas pela predominância de interpretações clínicas, biomédicas e neurobiológicas.

A historiografia consistiu em uma análise narrativa do pesquisador sobre dados históricos relativos à descrição das manifestações das práticas de automutilação, diferenciando-as ao longo dos três períodos históricos adotados. O objetivo foi sistematizar características e fundamentos epistemológicos e culturais subjacentes às manifestações da automutilação.

As publicações consideradas na presente revisão foram indexadas nas bases de dados: 1) *Scielo*, 2) Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Ministério da Educação (CAPES/MEC) e 3) na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O motivo para a escolha dessas bases foi pelo fato de serem bases de referência da ciência no Brasil e por serem de acesso aberto. Em seguida, utilizamos descritores, aplicando as seguintes combinações: “Automutilação AND História”, “Automutilação AND Autoflagelo” e “Autolesão AND Marcas corporais”. Avaliamos que esses descritores circunscreveram de maneira abrangente o tema aqui discutido, sendo os mais comumente utilizados nos títulos das publicações.

No intuito de alinhar os resultados da busca com os interesses da pesquisa, utilizamos alguns critérios de inclusão: apenas textos completos disponíveis gratuitamente para análise; apenas os escritos em língua portuguesa e publicados nos últimos doze anos (2007 a 2019), na área de Psicologia. Justificamos aqui que o ano de 2020 não foi incluído porque, até o momento da realização desse levantamento bibliográfico, as publicações referentes ao ano de 2020 ainda não tinham sido encerradas. O motivo para o recorte temporal mais amplo foi para poder incluir pesquisas relevantes para a escrita deste artigo, tendo em vista ainda serem escassas as publicações que trouxeram dados históricos sobre as práticas de automutilação. A partir destes critérios, foi possível encontrar um total de 161 produções nas três bases de dados, distribuídas da seguinte forma: 62 na *Scielo*, 57 na CAPES e 42 na BDTD.

Em seguida iniciamos a leitura dos títulos e resumos das publicações na expectativa de encontrar àquela que abordasse a historicidade das práticas da automutilação como ponto

central de sua discussão. Todavia, não encontramos qualquer publicação com essa abordagem, fosse uma pesquisa de natureza teórica ou de campo. Após a leitura dos títulos e resumos, a partir dos critérios adotados, foram excluídas 126 produções, contabilizando o total de 35 publicações selecionadas para a consulta e escrita deste artigo: Oito oriundas da base *Scielo*, cinco da base CAPES e vinte e duas da base BDTD. Os critérios para a exclusão foram: a) publicações duplicadas e b) pesquisas que não trouxeram nenhuma informação sobre a história das práticas de automutilação. Finalmente, também foram consultados alguns manuais teológicos e diferentes versões da Bíblia Sagrada, visando complementar os dados.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 Sobre um (im)possível marco histórico inicial das práticas de automutilação

Para a maioria dos estudiosos das práticas de automutilação, não é possível determinar em qual época da história ela surgiu. Todavia, é consensual entre vários pesquisadores de que há indícios de sua presença em diferentes culturas e sociedade há milhares de anos. Isso significa que a automutilação não é uma exclusividade do nosso tempo, pois é praticada por diferentes povos ao longo da história da humanidade (RODRIGUES, 2015; GONÇALVES, 2016; LORENA, 2016).

Na opinião de Costa (2010) os estudiosos, apesar de terem conseguido ordená-las em diferentes culturas, não conseguiram chegar em um consenso ao tentar situar as origens dessas práticas, ficando até hoje em aberto o questionamento: “*Por que os homens começaram a tatuar-se, fazer-se piercings, escarificar-se ou mesmo automutilar-se?*” (p. 10). Apesar disso, alguns autores tentam situar as possíveis origens dessas práticas. Um exemplo é Moraes (2018), ao propor que os primeiros relatos tiveram início na mitologia: “[...] por meio de *Eshmun*, deus fenício da saúde e da cura. Tendo sido assediado pela deusa *Astronoe*, castrou-se e morreu em seguida. *Astronoe*, então, deu ao rapaz o nome de *Paeon* ‘Curador’, revivendo-o através do calor de seu corpo e transformando-o num deus” (p. 13).

Já para Dettmer (2018) os registros mais antigos se encontram nos textos bíblicos, sendo o mais antigo o de um homem (de identidade desconhecida), que ao ser possuído por uma legião de demônios, grita e mutila a si mesmo utilizando pedras, até ser curado através de um exorcismo feito por Jesus, tal como está registrado no Evangelho de São Marcos, cap. 5 e vs. 1-5 (BÍBLIA SAGRADA, 2013). Apesar da dificuldade (ou impossibilidade?) de situar um

marco histórico para as práticas de automutilação, realizamos uma historiografia com bases nos três períodos históricos citados anteriormente.

2.2 As práticas de automutilação na Idade Média (476 a 1573)

Historiografar as práticas de automutilação na Idade Média requer compreender, ainda que de forma breve, as principais características desse período histórico. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2019) a principal característica dessa época foi a expansão do catolicismo, fazendo com que a igreja católica fosse a principal religião predominante, monopolizando também a economia, a política e os saberes. De acordo com Bock (2015) nesse período predominava o modo de produção feudal, que se fundamentava na ideia naturalizante da existência de um universo estável, ordenado e dirigido por uma ordem divina. Um mundo em que a verdade se revelava às pessoas, através da fé e dos dogmas religiosos.

Assumpção (2016) comenta que nessa época o catolicismo reprimia constantemente a preocupação das pessoas com o corpo. Isso acontecia porque o corpo estava relacionado com a experiência terrena e o material. Dessa forma, ele era visto como uma “prisão da alma” e, conseqüentemente, como sinônimo de culpa e perversidade. Assim, acreditava-se que o corpo precisava ser dominado e purificado por meio de autopunições, visto que era nele a alma se perdia. Resultou desses acontecimentos, a crença de que a pessoa precisava lutar contra as suas paixões para poder alcançar o perdão dos seus pecados e a salvação.

Palau (2007) complementa dizendo que essa crença surgiu a partir de interpretações de vários textos bíblicos, como por exemplo, no livro do Gênesis, primeiro livro do Pentateuco. Nesse livro, cuja autoria é atribuída a Moisés, registra-se que Adão e Eva considerados, respectivamente, o primeiro homem e a primeira mulher para o Cristianismo, ao pecar no Jardim do Éden, foram destituídos da santidade e da justiça original, sendo os responsáveis por transmitir para todo o gênero humano uma natureza decaída e ferida, privada da graça de Deus. Como resultado da queda de Eva e Adão no Jardim do Éden, todos os seres humanos, sem exceções, herdaram o legado pecaminoso, com inclinação para o mal, ao mesmo tempo em que têm dificuldade para promover o bem.

Em seu livro “*O Conceito de Angústia*”, Kierkegaard (1844/2013) menciona que o sentimento de angústia e inquietação que o ser humano é um pressentimento do seu pecado como consequência de sua liberdade. Essa reflexão, ajuda-nos, então, a compreender melhor as consequências da queda humana no Jardim do Éden. Japiassú e Marcondes (2006) resgatam esse pensamento e destacam que “[...] Para Kierkegaard, o homem é um ser que se caracteriza

pelo desespero que se origina das contradições de sua existência e distância de Deus” (p. 160). Significa dizer que, para Kierkegaard, a angústia tem sua raiz no sentimento puro de possibilidades abertas à condição humana, tendo em vista inexistência de sua seguridade incondicional. Assim emerge a espiritualidade do ser humano (KIERKEGAARD, 2013). Para Abbagnano (2007, p.63) “[...] a espiritualidade do homem está ligada à angústia, isto é, ao sentimento da ameaça imanente em toda possibilidade humana como tal”.

Além disso, Palau (2007) prossegue afirmando que o batismo era muito importante para sanar o pecado original e doar ao cristão os méritos do Salvador: a graça santificante e as virtudes infusas. Entretanto, ainda que o cristão fosse batizado e entrasse em estado de graça, com a possibilidade de cicatrização das feridas, essa “debilidade original” sempre permaneceria. Era preciso “esforço” para fugir das consequências do pecado original, por meio da mortificação (que é traduzida como autoflagelo), uma vez que, à medida que as feridas fossem cicatrizando, acreditava-se que iria aumentando o que a igreja católica chamava de “graça sanadora”. De acordo com Moraes (2018), um dos textos bíblicos mais utilizados pelo catolicismo para legitimar as práticas de autoflagelo para se purificar e/ou evitar o pecado está no Evangelho de São Mateus, no capítulo 18 e versículos 8 e 9, que diz:

Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançados no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançados no inferno de fogo (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 648).

Ribeiro (2019) acrescenta que eram frequentes as autocastrações praticadas pelos padres, pois os religiosos acreditavam que mutilar os órgãos genitais era uma forma de se proteger dos desejos da carne e de fugir do pecado, prática que já era realizada pelos eunucos na antiguidade, especialmente em culturas orientais. Todavia, essas práticas foram gradativamente sendo substituídas pelo celibato. Palau (2007) complementa dizendo que, naquela época, disseminava-se a ideia de que o autoflagelo, ao invés de destruir a natureza humana, promovia a graça restauradora e tornava o cristão mais dócil nas mãos de Deus. Os cristãos acreditavam que tinham “dívidas” com a justiça divina e que elas precisavam ser pagas, seja nos méritos nessa vida ou pelo fogo purificador na outra. Difundia-se também a ideia de que era preciso superar a aversão à dor, pois ela dificultava e limitava a ação da graça, para levar o cristão à perfeição.

Apontamos aqui para as influências de Platão (427-348 ou 347 a. C.) para a doutrina católica sobre corpo e alma. De acordo com Gaarder (1995), Platão dividiu a realidade em entre o mundo dos sentidos (que estava ligado ao corpo) e o mundo das ideias (que estava ligado à alma). Acreditava-se nessa filosofia, que, com o uso dos sentidos, o ser humano só poderia ter um autoconhecimento aproximado ou imperfeito pois, por estarem ligados ao corpo, “[...] neste mundo dos sentidos, tudo flui e, conseqüentemente, nada é perene. Nada é no mundo dos sentidos; nele, as coisas simplesmente surgem e desaparecem” (GAARDER, 1995, p. 102-103).

Por outro lado, observa Gaarder (1995), Platão acreditava que, o mundo das ideias, possibilitava o um autoconhecimento seguro, pois as ideias (ou formas) são eternas e imutáveis. Para que isso, era necessário fazer uso da razão, tendo em vista que o mundo das ideias não poderia ser conhecido por meio dos sentidos. Em resumo, o ser humano possui um corpo que flui, indissoluvelmente ligado ao mundo dos sentidos que, conseqüentemente, compartilha o mesmo destino de outros objetos presentes no mundo. Mas o ser humano possui também uma alma, caracterizada pela imortalidade, na medida em que é a moradia da razão. Dessa forma, uma vez que a alma não é dotada de materialidade, é por ela que se tem acesso ao mundo das ideias (GAARDER, 1995).

Gaarder (1995) acrescenta ainda que Platão acreditava que a alma tinha uma pré-existência antes de vir habitar o corpo dos seres humanos, já estando presente no mundo das ideias, porém, a partir do momento em que ela começa a habitar um corpo humano ela se esquece das ideias perfeitas:

E então tem início um processo extraordinário: quando as pessoas entram em contato com as formas da natureza, aos poucos uma vaga lembrança vai emergindo dentro de sua alma. [...] Ao mesmo tempo que ocorre, isto desperta no homem um anseio de retornar à verdadeira morada da alma. Platão chamava este anseio, esta saudade, de eros, que significa amor. A alma experimenta, portanto, um “anseio amoroso” de retornar à sua verdadeira morada. A partir de então, ela passa a perceber o corpo e tudo o que é sensorial como imperfeito e supérfluo. Nas asas do amor, a alma deseja voar de volta para casa, para o mundo das ideias. Ela quer se libertar do cárcere do corpo” (GAARDER, 1995, p. 103).

Desta forma, ao conceber um mundo corporal (baseado nos sentidos) e um mundo imaterial, eterno e imutável, baseado nas ideias e relacionado a alma, influenciou fortemente a conduta da doutrina católica de crucificar e mortificar a carne (o corpo) (CHALITA, 2006). Nessa doutrina, a mortificação corporal tinha diferentes graus, devendo inicialmente ser realizada com as regras de modéstia nas vestimentas, depois, na postura corporal e, por

último, nas práticas penitenciais (que aconteciam principalmente por meio do autoflagelo) (PALAU, 2007; ASSUMPÇÃO, 2016).

No caso dos autoflagelos, entre os mais recomendados estavam o uso de cilícios¹ -, para apertar os braços e a cintura, escapulários de crina, “alguns” golpes de chicote e o derramamento de sangue, pois cria-se que a mortificação corporal ajudava a acalmar “ardores intempestivos da carne” e estimular a piedade. O intuito de utilizar a dor e a submissão a uma disciplina por meio da produção de sofrimento era tornar o corpo dócil e “resistente” às tentações e colocá-lo a serviço da alma (PALAU, 2007; ASSUMPÇÃO, 2016).

Barbosa, Matos e Costa (2011) destacam que o autoflagelo era muito valorizado porque, naquele período, a dor física possuía um valor espiritual, advinda do sofrimento de Cristo na cruz e também pela concepção de que saber lidar com as dores do corpo era mais importante do que lidar com os prazeres carnis. Consequentemente, a tônica da vida cristã era amar cada vez mais o sofrimento e, para se santificar, o cristão precisaria reproduzir os sofrimentos de Jesus, com todas as suas consequências. Isso implicava em abraçar a dor, “carregar a própria cruz” e seguir a Cristo até o calvário, não apenas para contemplá-lo, mas também para ser crucificado com Ele (PALAU, 2007).

Palau (2007) acrescenta que as práticas de autoflagelo tinham dois objetivos: evitar os pecados e sanar seus “efeitos residuais”. A dor era vista como o instrumento eficaz na luta contra as “más inclinações do corpo” e auxiliava o cristão a se prevenir das faltas presentes e futuras e também possibilitava que fossem adquiridos “créditos” com Deus e, consequentemente, a quitação das penas advindas dos pecados do passado.

Palau (2007) ainda destaca que existia uma ampla variedade de práticas de autoflagelo, típicas de cada cultura. Na França, por exemplo, raspava-se a cabeça; na Espanha, deixava-se o cabelo e a barba crescerem; já em outros lugares utilizava-se o cilício. A partir daí o pecador começava o seu “período penitencial” com as penitências que lhe foram impostas, tempo que variava de acordo com cada local. Finalizado esse período, ele se reconciliava com a Igreja Católica, numa celebração da qual toda a comunidade participava e depois poderia adentrar o templo religioso e participar da comunhão eucarística.

As práticas de penitência corporal foram gradativamente se ampliando. Antes do século XI, o uso da penitência já acontecia, porém de forma disciplinar, a partir de então começou a se disseminar as formas voluntárias de autoflagelo. Ou seja, se antes esses atos

¹ De acordo com o dicionário Houaiss o Cilício é: “1. Veste ou faixa de pano grosseiro, usado sobre a pele por penitência; 2. Cinto ou cordão com cerdas ou correntes de ferro pontiagudas, amarradas ao corpo nu, usado como penitência” (HOUAISS, 2004, p. 158).

aconteciam de forma coercitiva, com o passar do tempo passaram a ser praticados por livre e espontânea vontade (PALAU, 2007).

Uma figura que nessa época ficou conhecida por ter feito uso do autoflagelo de uma forma mais radical foi a religiosa Maria *d'Oignies*, uma freira que uniu as práticas da genuflexão² com o autoflagelo: a cada genuflexão ela infligia em si mesma trezentos golpes de chicote. Essas práticas se tornaram tão disseminadas que, nos fins da Idade Média, a disciplina cotidiana era praticada por um grupo de fanáticos, que ficaram conhecidos como “flagelantes”. A violência autoinfligida era tão intensa que eles só paravam quando acontecia a efusão de sangue (PALAU, 2007).

Lopes (2012), corroborando com o autor acima, chama atenção para o simbolismo do sangue, que apresenta uma conotação universal no imaginário religioso da humanidade, pois “[...] simboliza a vida, a fertilidade e a violência do sacrifício, seja como oferta, punição ou expiação” (p. 18). A autora acredita que atentar para essa dimensão simbólica que o sangue possui para as diferentes culturas é imprescindível para a compreensão das práticas da automutilação na atualidade, principalmente porque é muito comum as pessoas que se automutilam relatarem que experienciam o alívio do seu sofrimento psíquico ao provocarem autolesões em si mesmas ao sentirem o sangue escorrendo pelo seu corpo. Além disso, nas tradições judaico-cristãs, o sangue é considerado como um purificador e consagrador universal e, por esse motivo, o vinho é escolhido como veículo para o sangue, como a linguagem de intoxicação com o Sangue de Cristo registrado nos escritos dos santos místicos e medievais.

Uma referência bíblica utilizada para fundamentar a crença de que o sangue é o representante da passagem do humano para o divino, encontra-se no livro de Levítico, capítulo 17 e versículo 11, que diz: “Porque a alma da carne está no sangue, pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação pela alma” (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 130). Então, a tradição judaico-cristã (divulgada na Bíblia), o sacrifício remete-se a simbologia na qual Cristo é o cordeiro que, com seu sangue vertido na cruz do calvário, redimiu os seres humanos de todos os seus pecados.

Há, então, uma relação simbólica entre o sangue e a automutilação. Falcão (2021) destaca que, para a tradição católica, o corpo é um instrumento para ensinamentos sobre como os cristãos podem se aproximar de Deus por meio dos autoflagelos, pois: “[...] a culpa por um pecado frequentemente não poderia ser expiada psiquicamente, precisava ser marcada no corpo [...]” (p. 34). De acordo com a autora, na doutrina católica, o sangue tem sentido simbólico de

² Genuflexão: Ação de ajoelhar-se (HOUAISS, 2004, p. 369).

aliança e “na automutilação, o sangue pode simbolizar um renascimento, uma passagem de um estado de sofrimento e angústia para outro mais confortável, *alivia-dor*, pois os cortes liberam o “sangue ruim” (p. 39, grifo da autora).

Aratangy *et al.* (2017) discutem a relação entre a automutilação e outras marcas corporais, como o *piercing* e a tatuagem e agregam uma questão muito interessante: enquanto as práticas de autoflagelo eram incentivadas e valorizadas pelo catolicismo, a tatuagem, o *piercing* e outras marcas corporais eram combatidos e utilizados para diferenciar as pessoas cristãs daquelas consideradas pagãs, que incluíam: prostitutas, bruxas, leprosos, judeus, homossexuais, ciganos, etc.

Consideramos relevante a reflexão de Tomás de Aquino sobre o corpo. De acordo com Martins (2000), o corpo assume significações diversas nos apontamentos de Tomás de Aquino, que parte do pressuposto da não dicotomia com a alma; o filósofo defende que corpo e alma formam uma unidade. Para Tomás de Aquino, a alma por si só não é uma substância, pois ela não é completa no seu ser; através dela, é possível existir um corpo vivente: “A alma é aquilo pelo qual formalmente o ser vivo, vive e através da qual, ele é o que é. O corpo é o que recebe a vida, ele é o substrato e a sua matéria” (MARTINS, 2000, p. 148). Isso significa que o ser humano é uma unidade substancial, alma-corpo (*anima-corporis*).

Em resumo, as práticas de automutilação durante a Idade Média, eram realizadas por meio dos autoflagelos, com um forte vínculo com a religião católica. Isso significa que a relação com o corpo havia sido domesticada por uma barreira moral imposta pelo Cristianismo, que com o passar do tempo e de alguns movimentos sociais (como a burguesia e o iluminismo) modificou-se, gradativamente, com a modernidade (REIS, 2018).

2.3 As práticas de automutilação na Idade Moderna (1473 a 1789)

A Idade Moderna foi um período histórico que se caracterizou por uma importante mudança paradigmática: o corpo deixou de ser visto como algo pecaminoso e passou a ser concebido a partir do binômio corpo-máquina, tendo o filósofo e matemático René Descartes (1596-1650) como o maior representante desta perspectiva, que ficou conhecida como dualismo ou racionalismo cartesiano. Ao propor o famoso cogito “*Penso, logo existo*”, Descartes defendia que o intelecto e o pensamento eram fundamentais para possibilitar a uma pessoa conhecer o mundo. Já o corpo era visto como uma máquina a ser mensurada, testada e verificada sistematicamente pela ciência (REIS, 2018).

Bock, Furtado e Teixeira (2019) acrescentam que esse período ficou conhecido pelo movimento do Renascimento, que se caracterizou pela retomada dos valores greco-romanos (que tinham sido parcialmente abandonados na Idade Média) surgindo, então, a ênfase na reflexão sobre o mundo e o ser humano, de forma laica, abandonando a concepção teológica anterior. Também houve a transição do feudalismo para o capitalismo, num processo de excessiva valorização, tanto da economia quanto do homem.

Reis (2018) acrescenta que outro marco histórico dessa época foi a Revolução Industrial, que também corroborou para a visão do corpo como um instrumento de trabalho. Trabalho esse que não era mais direcionado para a própria subsistência (como acontecia no Feudalismo) e passou a ser orientado para a produção em série, que precisava de um corpo que se adaptasse a essa demanda.

Barbosa, Matos e Costa (2011) complementam que gradativamente surgiu o modo de produção capitalista, reflexo do crescimento e aperfeiçoamento da produção agrícola e dos meios de transporte do período feudal, assim como o aumento dessa produtividade agrícola junto com a expansão comercial, proporcionando algumas condições para a implantação das indústrias, e o corpo se tornou um objeto de produção, capaz de trabalhar e originar lucro.

Para Brandão Júnior e Canavêz (2018), tais mudanças corroboraram para uma queda do conhecimento religioso. Com a emergência do cientificismo, a figura de Deus perdeu o seu poder de lei única e universal e foi substituída pelo método experimental, que possibilitou a problematização, contestação e revisão do saber quantas vezes fossem necessárias. Conseqüentemente: “Não há uma resposta fixa, diante da qual não poderemos fazer novas pesquisas e novos experimentos, fazendo cair um ideal de segurança supostamente outrora experimentado pela sociedade medieval” (p. 182).

Gea (2013) diz que o resultado foi uma mudança na estrutura das narrativas humanas, pois: “[...] a partir da Idade Moderna pode-se destacar que cada sujeito está desprovido de uma sustentação simbólica frente ao não-sentido do destino, sendo lançado à uma exposição radical ao acaso (p. 46). A autora argumenta que houve uma desestabilização nessas narrativas porque a estrutura da intencionalidade do destino foi diretamente comprometida, pois: “[...] ao longo de sua história, o sujeito confrontado incessantemente à ameaça inerente à sua finitude, recorreu ao amparo imaginário de uma alteridade transcendente (p. 47).

Já Barbosa, Matos e Costa (2011) acreditam que os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma nova forma de poder, o poder disciplinar, originando o processo de padronizar os gestos e movimentos corporais nas manifestações corporais, uma vez que as

novas tecnologias de produção em massa homogeneizaram os gestos e hábitos, direcionando-os aos interesses da produção capitalista.

Os movimentos histórico-culturais mencionados acima corroboraram para caracterizar as práticas de automutilação na Idade Moderna. Segundo Palau (2007) no início desse período ainda eram muito fortes as influências do catolicismo, tendo surgido um movimento que ficou conhecido como “jansenismo” que influenciou grandemente a espiritualidade e a dogmática e moral cristãs. Nesse movimento, proposto pelo religioso Cornélio Jansênio, que possuía uma visão de mundo e de ser humano extremamente pessimista, defendia-se um Deus e uma religião caracterizados por penitências exageradas e pelo sentimento de culpa.

Nesse sentido, sustentava-se que após o pecado original, o ser humano se corrompeu e passou a ser dominado pela concupiscência, que o levava inevitavelmente a pecar. Somente a graça de Deus é quem poderia salvá-lo, uma vez que, sem ela, ele não conseguiria fazer o bem. Entretanto, essa graça divina era fruto de uma predestinação: isso significava que apenas os “predestinados” é que a receberiam. Ao difundir o argumento de que Deus teria escolhido poucos “eleitos” para a salvação, o jansenismo impôs que os comportamentos dos cristãos deveriam ser de temor servil diante da angústia e desespero ao se deparar com a possibilidade de não constar no número de eleitos. Por isso era necessária muita pureza e perfeição, pois a maioria não era digna de receber a graça de Cristo, através dos sacramentos (PALAU, 2007).

Também acreditavam que, pelo menos metade da comunidade católica, era incapaz de guardar os mandamentos e era indigna de receber a comunhão eucarística, por isso que: “[...] A pureza para aproximar-se dos sacramentos exigia muita penitência. Além de ser meio de reparação por supostos pecados cometidos, a disposição à penitência era também considerada uma espécie de garantia de fazer parte dos eleitos de Deus” (PALAU, 2007, p. 60-61).

Palau (2007) prossegue dizendo que o jansenismo, além das duras penitências, apregoava também outra exigência, chamada de “*fuga mundi*”. Ou seja, fugir do mundo era necessário, porque ele não servia como uma mediação válida para se chegar a Deus, uma vez que acreditavam que a distância entre criador e criatura era muito grande. Também propunha que as orações deveriam ser marcadas por sentimentos de temor, arrependimento e dor pelos pecados cometidos (p. 61). Outra forma de penitência na era moderna, que foi duramente praticada pelo jansenismo, foi a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, inspirada pela Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690) e tinha como lema: “Sofrer para compensar os sofrimentos causados à humanidade de Cristo pela infidelidade dos cristãos” (p. 61), e inspirou muitos cristãos a praticar vários tipos de autoflagelo.

Os autoflagelos praticados por Santa Margarida Maria Alacoque incluíam dormir com a cabeça sob um travesseiro de madeira e beber uma grande quantidade de água de uma única vez, objetivando provocar náuseas e vômitos. A religiosa pregava que o sofrimento deveria ser uma prática diária na vida cristã, devendo acontecer todos os dias, pois dessa forma a pessoa estaria participando dos sofrimentos de Jesus Cristo, que amou a humanidade, mas em troca só recebeu ingratidão (PALAU, 2007).

De acordo com Palau (2007), ao longo do século XVIII, predominou uma piedade sentimental e dolorosa, que propunha que os “cristãos piedosos” eram aqueles que infligiam a si mesmos autoflagelos voluntários para, semelhantemente a Jesus Cristo, substituírem os pecadores sobre os quais o castigo divino deveria recair. Esse tipo de prática espalhou-se rapidamente, influenciando não somente os cristãos da época, como também a espiritualidade de muitas ordens religiosas, como uma denominada de “Carmelo”, que pregava que a principal missão carmelita é oferecer a si mesmo como *holocausto*, como sacrifício de expiação à justiça divina. Além disso, em fins do século XVIII e início do século XIX começaram a surgir a figura de “eremitas”, pessoas que se retiravam do convívio social para o completo isolamento, acreditando que deveriam oferecer a própria vida como “sacrifício” de expiação pelos pecados do mundo.

Dessa forma, enquanto na Idade Média existia uma obstrução moral coercitiva que pregava o distanciamento das vontades da carne e fortalecimento da alma e do espírito, na Modernidade houve o declínio do teocentrismo e a alma perdeu esse lugar privilegiado e foi substituída pelo foco no corpo, que passou a ser concebido como uma máquina a ser investigada pela ciência. Nesse contexto histórico-cultural as práticas de automutilação continuaram a ser realizadas por alguns movimentos religiosos, porém agora influenciadas pelo racionalismo e capitalismo (REIS, 2018), até a contemporaneidade, quando sofreram novas renovações de significação.

As práticas de automutilação na Idade Contemporânea (1789- Dias atuais)

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2019) a atual Idade Contemporânea é o reflexo da formação econômica e dos modos de conceber o corpo iniciados na modernidade. A emergência da contemporaneidade é marcada pela mercantilização do corpo pela burguesia industrial, produzindo a massificação das informações sobre ele que, com a velocidade de compartilhamento, passou a ser um objeto de consumo. É importante destacar que, até então,

não havia ainda estudo sistemático a respeito das práticas de automutilação. Foi a partir da contemporaneidade que isso aconteceu.

Segundo Rodrigues (2018) as primeiras investigações sobre as práticas de automutilação surgiram a partir da metade até o final do século XIX, quando pesquisadores dos Estados Unidos notificaram os primeiros casos, que eram praticados por pacientes diagnosticados como psicóticos, que se caracterizavam por sua severidade, indo desde cortes e furos na própria pele com agulhas, até a retirada de partes do próprio corpo, sendo a maioria atos resultantes de alucinações e ilusões de cunho religioso.

Os primeiros relatos foram das chamadas “mulheres agulha”, que perfuravam suas peles com instrumentos cortantes e perfurantes. Nessa época, foi documentado o episódio em que uma “garota agulha”, num período de 18 meses, foram retiradas 217 agulhas em seu corpo. Também houve outra jovem onde se acharam mais de 100 agulhas no seu corpo. Porém, foi somente em 1846 que foi publicado o primeiro artigo sobre a automutilação. O texto trazia um estudo de caso a respeito de uma viúva de 48 anos, que foi categorizada com psicose maníaco-depressiva. Ela arrancou seus próprios olhos (enucleação) porque sentia que eles lhe estavam fazendo desejar homens e, conseqüentemente, pecar (MORAES, 2018).

Moraes (2018) afirma que para outros pesquisadores o primeiro relato científico da automutilação teria acontecido um pouco depois: em 1901, realizado por um pesquisador inglês, chamado Strock. Todavia, não existem mais informações sobre quem foi essa pessoa, nem detalhes sobre o caso. Entretanto, é possível perceber que não há um consenso entre os estudiosos sobre qual teria sido o primeiro estudo sistemático da automutilação.

Por outro lado, Giusti (2013) afirma que - é consenso entre os estudiosos de que o primeiro estudioso a contribuir para uma maior compreensão sobre a automutilação foi o psiquiatra norte-americano Karl Menninger (1893-1990), a partir de uma visão psicanalítica. Esse estudioso argumenta que as pessoas recorriam a essas práticas para evitar o suicídio e tranquilizar-se. No ano de 1938 ele escreveu o livro *Man Against Himself*³ a respeito destas práticas propôs três componentes considerados imprescindíveis nos comportamentos autolesivos.

O primeiro era uma agressividade direcionada para si mesmo, geralmente experienciada em relação a um objeto exterior de amor e ódio, frequentemente um dos seus progenitores. Segundo, funciona como uma espécie de estimulação, cuja intenção é unicamente física ou sexual. Terceiro, é utilizada como estratégia de autopunição, possibilitando a pessoa

³ Tradução livre: Homem Contra Si Mesmo.

que recorre a essas práticas se redimir ou se punir de um pecado de natureza agressiva ou sexual (GIUSTI, 2013).

Assumpção (2016) acrescenta que Karl Menninger, em seu texto, chama de automutilação todos os atos lesivos e intencionais contra o próprio corpo e cita vários exemplos de pessoas que mutilavam os seus corpos, seja roendo as unhas e em alguns casos os próprios dedos, arrancando compulsivamente os cabelos, fazendo cortes em seus corpos, seja amputando algum órgão. É importante destacar que Menninger considerava o ato de roer as unhas repetidamente como um comportamento autolesivo porque acreditava que era utilizado como um recurso para descarregar a culpa e reforçar a autopunição.

Garreto (2015) agrega que, a partir de 1938 o termo automutilação foi utilizado na literatura para se referir à ação de uma pessoa para se tranquilizar e evitar o suicídio e que em meados de 1960 e início da década de 1970, esta prática começa a ser alvo de interesse clínico e de pesquisas, principalmente de psicólogos e psiquiatras, fazendo com que inúmeras hipóteses fossem levantadas na tentativa de compreender o que leva uma pessoa a recorrer a essas práticas. Giusti (2013) afirma que, ainda na década de 1960, as pesquisas no campo da psiquiatria começaram a ter um foco na incidência cada vez maior de cortes na região dos punhos, dando origem a categoria “Síndrome do cortador de punhos”, que incluía também as tentativas de suicídio dentro desses episódios de violência autodirigida.

Giusti (2013) prossegue dizendo que em 1983 foi escrito o primeiro artigo descrevendo a automutilação tal como ela é conhecida atualmente, na época denominada de “Síndrome da autolesão deliberada”, caracterizada por múltiplos episódios de automutilação e por inúmeros ferimentos de baixa letalidade, frequentemente cortes e queimaduras, sensação de alívio após esses comportamentos, sem a intenção consciente de cometer suicídio, sendo comum persistir por vários anos.

Já em 1993, o psiquiatra Armando Favazza (1941- dias atuais) e colaboradores sugeriram a “Síndrome de automutilação repetitiva”, encaixando-a na categoria nosológica dos transtornos de descontrole dos impulsos. A autora destaca que até hoje não existe um consenso sobre como denominar esse fenômeno e que os estudos trazem uma variedade de nomenclaturas. É importante destacar que Favazza é outro estudioso deste fenômeno, sendo responsável por fazer a pesquisa mais extensiva sobre esse fenômeno até hoje (GIUSTI, 2013).

Ao investigar as práticas de automutilação nos dias atuais, Lopes (2012) afirma que é importante não esquecer que ainda existe um forte simbolismo ligado aos atos de retirada de sangue e de marcas corporais, em que o ato de automutilar o corpo é visto como um gesto, uma representação e uma ação que envolve um paradoxo e uma metáfora. Esse simbolismo, faz com

que a automutilação tivesse (e ainda tenha) um lugar dentro da História. Esse lugar ocupado por ela na História da humanidade é preservado por diversos exemplos de rituais de iniciação e sacrifícios físicos presentes em registros históricos, antropológicos e arqueológicos.

Para Demantova (2017) nesses rituais coletivos a automutilação é utilizada, em algumas culturas, por exemplo, para registrar a passagem da infância à vida adulta, tendo relação com a puberdade e a relação de pertencimento com aquele grupo social: “[...] Esses rituais são predeterminados e codificados pelos adultos do clã, os quais, através deles, transmitem aos jovens valores e crenças da comunidade, possibilitando sua integração como membro ativo” (p. 20).

É possível interpretar os efeitos de apropriação individual e coletiva subjacente a esses rituais, com base em explicações trazidas por Valsiner (2012). De acordo com o autor, a cultura, não é um produto, tal como se define de mais tradicional, um conjunto de aspectos que caracteriza um povo. Para ele, a cultura é um processo mediador, que atua, tanto no nível interpessoal (ou seja, as condutas da pessoa em relação aos outros seres humanos) quanto no nível intrapessoal (ou seja, no pensar, sentir e agir). quando no interpessoal. Por essa razão “[...] existe sempre um laço constante e dinâmico entre o sujeito, individual e único, e o coletivo e cultural. Este elo é justamente realizado pela atividade semiótica que integra e constrói nossa psique” (VALSINER, 2012, p. 5).

Essa dinâmica aponta para a necessidade da consideração dos sentidos atribuídos a automutilação, pois, na opinião de Lopes (2012), ela está presente em práticas culturais, concebida como manifestações significativas e afeta tanto a pessoa que a pratica como toda a comunidade da qual ela faz parte, tendo em vista que se encontram intrinsecamente tecidas na teia da vida social. Um exemplo mencionada pela autora são os atuais rituais de iniciação presentes em algumas culturas, em que acontece a automutilação do iniciante, como é o caso da tribo Matausa, localizada nas terras altas da Papua Nova Guiné.

Nessa comunidade, a condição para que os rapazes passem a serem homens é expelindo o que eles chamam de “sangue feminino”, que teria sido contaminado pelas suas mães no momento do seu nascimento e que é visto como impuro e por isso deve ser expulso. Os rapazes, então, submetem-se a um ritual de sangria, em que são enfiados vários metros de canas pelas suas gargantas, produzindo sangramentos no esôfago e no estômago, para que possam regurgitar esse sangue impuro. De acordo com a autora, também são inseridos juncos afiados pelas narinas, perfurando-as e, para poder se livrar “[...] de contaminantes femininos que pudessem ter inalado e, para purificar uma parte do corpo que fora contaminada por comida

feminina poluída, os iniciáticos disparam pequenas flechas afiadas, repetidamente, contra as suas línguas [...]” (LOPES, 2012, p. 22).

Para De Vilhena (2016) é nítido que as origens das práticas de automutilação estão imbricadas às suas funções em ritos e tradições, sempre vinculadas a algum simbolismo que lhes servia de marco. A autora exemplifica que, em alguns momentos, estavam relacionadas a movimentos políticos, a crenças religiosas e/ou funcionando como ritos de passagem (principalmente da transição da adolescência para a vida adulta), e/ou como marcas que diferenciavam os membros de diferentes tribos e clãs, etc.

Lopes (2012) observa que esses rituais costumam ser repetidos de forma consistente ao longo das gerações. Tais rituais possuem em si mesmos significados profundos e persistentes, marcados pela própria cultura que os utiliza, e por isso a automutilação possibilita a decodificação do seu modo de pertença como elemento básico da vida social. Por isso, De Vilhena (2016) difunde o argumento de que, independentemente de qual fosse o contexto em que essas práticas se apresentem, elas têm em comum o fato de não serem apenas marcas e cortes, uma vez que possuíam significados e sentidos (característicos de cada sociedade, cultura e período histórico) que vão muito além das autolesões em si mesmas.

Para Cardoso (2015), na atualidade, a automutilação assumiu significados bem distintos dos tempos passados. Hoje, elas continuam muito presentes na sociedade atual como um meio de aliviar sofrimentos e mal-estar, porém passaram a ser vistas nas sociedades ocidentais a partir de um enfoque predominantemente biomédico, na medida em que pode colocar em risco a vida das pessoas que as praticam.

Reis (2018) acredita que isso acontece porque, na atual sociedade de consumo, o corpo se caracteriza, por um lado, por ser um objeto idealizado e por outro é alvo de estigmatização quando não corresponde aos padrões de saúde e beleza estabelecidos culturalmente e disseminados pela mídia: “O corpo na atualidade é visto como um corpo contraditório, pois se por um lado há uma tendência a sua valorização, ao seu cuidado, por outro existe o peso das demandas sociais que criam padrões a serem seguidos” (p. 137).

Refletindo sobre as repercussões desse cenário sócio-histórico e cultural, Demantova (2017) ressalta que a pessoa que recorre à automutilação vivencia um sofrimento psíquico intolerável e que, numa dimensão psicossocial, essas práticas parecem denunciar as falhas de uma sociedade que supervaloriza a imagem numa cultura do bem-estar. Nela, todos precisam estar “equilibrados” e adaptados a todas às circunstâncias, ao mesmo tempo em que não se dá espaço para que possam sentir e muito menos falar sobre suas tristezas e angústias. É a ilusão de que tudo é possível e de que a satisfação plena pode ser alcançada.

Reis (2018) difunde o argumento de que a maioria das pesquisas brasileiras apresentam uma visão patologizante e medicalizadora da automutilação, rotulando-a como integrante de um transtorno ou psicopatologia, reproduzindo a hegemonia do discurso, oriundo das ciências físicas e biológicas e dos modelos de pesquisa experimentais, onde o corpo é visto como algo a ser classificado.

Dettmer (2018) também aponta para o predomínio dessa psiquiatrização do sofrimento humano, na qual o discurso biomédico atua como um dispositivo de poder e a automutilação (que a autora denomina de *cutting* em sua pesquisa) é capturada pelo mercado de produção de classificações nosológicas e de medicamentos. Além disso, a autora alerta que algumas vertentes da Psicologia contribuem para o fortalecimento desse viés, ao psicologizar esse fenômeno, concebendo-o como algo estritamente individual, naturalizando-o como um comportamento típico da adolescência. Conseqüentemente: “[...] Devido a sua naturalização como um sintoma referente a algum transtorno de personalidade, e logo, por alguma falha na psique do indivíduo, o *cutting* vem sendo construído com base em um olhar de estranhamento ao fenômeno” (p. 110).

Dettmer (2018) afirma que uma consequência dessa posição é a forma como as pessoas que se automutilam são atendidas nos serviços de saúde: “[...] Assim como nos casos de suicídio, o sujeito recebe um atendimento precarizado nos serviços de saúde, pois carrega a culpa de seu ato. Há a responsabilização e culpabilização integral do sujeito [...]” (p. 110). A autora defende que o cuidado deve ser oferecido e não imposto, como tem acontecido na atualidade e que a sua abordagem e tratamento privilegiem, tal como também defende Pérez de Plá (2011), os seres humanos que sofrem, em detrimento do foco na patologia.

Ferreira Júnior (2016) corrobora com as autoras anteriores ao alertar para que o atual discurso biomédico e neurobiológico não é neutro, visto que contribui para diminuir as responsabilidades do sistema socioeconômico e político, na medida em que psicologiza e psiquiatriza o sofrimento humano e prescreve o tratamento, principalmente, por vias medicamentosas. O autor ressalta que é necessário abdicar da concepção do adoecimento como apenas individual\psicológica e desenvolver uma abordagem preventiva desses atos, que deverá também: “[...] estender-se às dimensões política e social, em que, com um novo modo de produção e organização política e cultural, propicie novas formas de organização social e novos discursos, sobre o mundo e sobre si mesmo” (p. 8).

Frente a essas questões, argumentamos que as pessoas que recorrem a essas práticas efetivam o que Valsiner (2012) chamou de laço constante e dinâmico com o coletivo e o cultural, elo sustentado pela atividade semiótica que integra e constrói a sua psique. Nesse

sentido, endossamos o argumento do autor de que cada pessoa é única e o seu desenvolvimento psicológico ativa-se com processos de natureza semiótico-cultural e histórico. Nesses termos, suas expressões, tal como concebemos as práticas de automutilação refletem o seu estado dinâmico e de transformações constantes. Acreditamos que esses pressupostos são imprescindíveis à uma abordagem histórico-cultural da automutilação.

Conceber uma abordagem histórico-cultural dessas práticas requer o reconhecimento de que a automutilação, assim como outras manifestações de violência, sempre estiveram presentes nas diferentes culturas, sociedades e períodos históricos e que pesquisar sobre este tema é de grande relevância para a coletividade, pois é um fenômeno que não é apenas individual, mas que possui materialidade histórica e dialética. Implica também em questionar a naturalidade pela qual esse fenômeno tem sido abordado na maioria das pesquisas, para que seja adotada uma posição crítica, ético-política e dialética, na qual contemplem-se a polissemia e as contrariedades dessas práticas (DETTMER, 2018).

Tais cuidados são necessários para não reproduzimos apenas discursos normativos (com estigmas moralistas e psicopatológicos) que culpabilizam essas pessoas pelo seu próprio sofrimento, contribuindo para dificultar a busca de ajuda e para a sua exclusão, como acontece nas diferentes instituições sociais, especialmente nas escolas, locais em que mais se presenciaram comportamentos automutilatórios (DETTMER, 2018), que também corroboram para a invisibilidade e exclusão social desse público.

Outro aspecto presente nas práticas de automutilação nos dias atuais é a presença do que Valsiner (2012) denominou de censura, que funciona como uma forma de regulação social de condutas. Defendemos que esta proposição do autor cabe também para os casos de automutilação. Isso porque, quando o autor afirma que a censura, em suas funções sociais objetivas está presente em todas as culturas e sociedades, é possível observar que as críticas e julgamentos que as pessoas que se automutilam recebem funcionam como uma forma de censura, que comumente dificulta a busca de ajuda.

Valsiner (2012) destaca que a família é uma das instituições sociais em que a censura está mais presente. De acordo com o autor

As prescrições quanto ao modo de alguém se expressar (e as proibições sobre como não fazê-lo) estão na base da criação dos campos de sentir, pensar e se comunicar [...]. Os pais censuram-se um ao outro, e aos filhos. Crianças censuram a expressão de outras crianças e, algumas vezes, de seus pais. Professores censuram a expressão dos estudantes, mas não as dos diretores de escola. As normas sociais para o “politicamente correto” levam à autocensura nas mentes das pessoas e sua interação. Os governos censuram o discurso

político, membros da comunidade censuram o discurso político, membros da comunidade censuram o discurso moral – todos estão envolvidos em construir, manter e eliminar circunscritores semióticos (VALSINER, 2012, p. 209).

Essa consideração ao ato da censura torna possível, tal como propõe Reis (2018), investigar a automutilação a partir de um viés ético-político com uma indagação (entre outras): “O que aquela pessoa, que é seu próprio corpo, quer nos comunicar?” (p. 142). Pensar nessas práticas como uma tentativa de comunicação e desvelamento do momento histórico e das formas culturais vivenciadas pela pessoa, implica no compromisso social de considerar cada pessoa que mutila a si mesma em sua condição singular, indispensável para distanciamento das atitudes naturalizadas predominantes na maioria das pesquisas voltadas para esse fenômeno.

Outro fator que corrobora para o aumento das práticas de automutilação na atualidade foi a disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. Na contemporaneidade, é muito comum o ingresso das pessoas às comunidades virtuais, nas quais se identificam com outros pares que também se automutilam e podem compartilhar suas experiências e publicar imagens de suas autolesões (na maioria das vezes sem se identificar). Alegam-se nessas situações, que o anonimato da internet é um facilitador da partilha dessas vivências, com a justificativa de não se ter coragem para mostrar-se abertamente em uma interação presencial (RODRIGUES, 2018).

Ferreira (2014) afirma que muitas pessoas fazem uso das redes sociais como uma forma de expressar seus afetos e opiniões a respeito da automutilação. Bernal (2019) coloca que essas práticas são cada vez mais disseminadas pelas diferentes mídias sociais porque possibilitam o estabelecimento de conexões entre diferentes pessoas que se automutilam e proporcionam uma identificação entre esse público: “[...] o indivíduo percebe que não está sozinho e encontra no mundo virtual acolhimento para seu sofrimento, o que por sua vez possibilita o estabelecimento de um laço social” (p. 29). A autora argumenta que é possível que os adolescentes que se sentem marginalizados encontrem na internet espaço para a troca de informações que seriam mais difíceis de serem realizadas pessoalmente e interagir, como fazer novas amizades, relacionamentos, etc.

Todavia, ela alerta que o compartilhamento de experiências sobre autolesão não assegura que essas pessoas deixem de se sentir sozinhas e vazias, porque as interações *on-line*, por outro lado, expõem esses praticantes, ainda que, em sua maioria, estejam no anonimato virtual, pois não impede que sejam alvo de julgamentos morais por parte da sociedade. O uso das comunidades virtuais por pessoas praticantes da automutilação torna-se problemático

quando, ao invés de receber ajuda e suporte social elas são orientadas a realizar outras formas de violência autodirigida. Esses usos, ao invés de ajudar, piora ainda mais o seu sofrimento (BERNAL, 2019), aumentando a possibilidade de colocar em risco a própria vida e de recorrerem ao suicídio.

Na opinião de Venosa (2015), nas comunidades virtuais, as pessoas mais vulneráveis podem “[...] não apenas começar a se escarificar, bem como reforçar uma prática que porventura já realizavam. A convocatória pela *internet* pode gerar um sentimento de pertencimento a um grupo e de pertinência do ato, dentro de um contexto comum” (p. 36). No caso específico das escolas, esta autora defende que, uma vez que esse assunto tem circulado de forma grandiosa nas *timelines* de muitos jovens, é importante que outros espaços e canais de comunicação sejam criados no intuito de promover o diálogo e para a indicação de ajuda. Ela também sinaliza a importância de pesquisas que possam contribuir com o que chama de um “novo saber”, no qual não se fala *sobre*, mas *a partir* deste fenômeno.

Arcoverde (2013) declara que, atualmente, o avanço da internet como meio cotidiano de interação entre as pessoas, proporcionou o surgimento de comunidades virtuais constituída por grupos daqueles que descrevem e praticam a automutilação de modos diversos daqueles veiculados pela literatura científica, destacando as diferentes formas com que elas se posicionam diante deste fenômeno como: “[...] arte, maneira privilegiada de expressão das emoções, escolha de um estilo de vida ou mesmo fonte de prazer” (p. 30).

Para Henriques (2018), diante do atual aumento da incidência da automutilação na atualidade, espera-se que a abordagem desse fenômeno deva ir além da tentativa de extinguir essas práticas e de apenas educar os adolescentes e orientar a família. O desafio de compreender as autolesões permanece. A autora acredita que é preciso investigar os significados e sentidos desses atos, pois a forma como eles são percebidos pelas pessoas é diversa. Enquanto que para os jovens são uma fonte de alívio, para os pais e familiares são um motivo de preocupação. Já para a maioria dos profissionais de saúde constituem-se num quadro clínico/patologia, cujas consequências são, dentre outras coisas, estigmatização, medicalização e exclusão social.

Isso mostra-nos também a diversidade de discursos sobre a automutilação e a necessidade da realização de mais pesquisas, pois a ajuda às pessoas que recorrem a essas práticas requer que se trabalhe cada caso em suas especificidades, uma vez que o entendimento do que significa bem-estar de alguns nunca será igual para todas as pessoas. É preciso ainda que as políticas de saúde parem de ser orientadas por uma padronização na qual “[...] ao chegar no serviço de saúde, o indivíduo já está sendo apontado como fora da norma vigente, e precise

se adequar através do tratamento. Eis aí, já no primeiro momento, a reprodução do biopoder e a vigilância do indivíduo” (HENRIQUES, 2018, p. 187).

Bernardes (2015) alerta também para os perigos advindos da divulgação de fotos e relatos sobre automutilação na internet que, apesar de proporcionar a experiência de identificação entre os seus praticantes e em parte a ajuda entre pares, por meio do compartilhamento do seu sofrimento psíquico, contribui também para incitar essas práticas e a sua reincidência. A autora relata que tem crescido o número de *blogs* e de perfis nas variadas redes sociais administradas por essas pessoas. Isso acontece devido ao chamado “*Efeito Werther*”, fenômeno que surgiu em 1777, quando Goethe publicou o livro “*Os Sofrimentos do Jovem Werther*”.

O livro narra a história de um jovem que, após uma experiência de amor não correspondido, entrega-se à melancolia (sentimento que era muito estimado entre os românticos daquela época) e então comete suicídio com um tiro. Na Europa, após o seu lançamento, houve o um crescimento do número de pessoas que tiraram a sua própria vida da mesma forma que o personagem dessa obra literária. O *Efeito Werther* nada mais é do que esse comportamento imitativo que costuma acontecer principalmente entre os jovens (BERNARDES, 2015).

Bernardes (2015) prossegue dizendo: “Chama-nos a atenção a semelhança com que o comportamento de automutilação se perpetua, como o *Efeito Werther*. Não como em 1777, quando o livro foi publicado, mas agora através da internet” (p. 98). Em sua pesquisa sobre o assunto, observou que a maioria dos participantes relatou haver feito uso da internet e/ou ter participado de grupos em redes sociais, onde compartilharam fotos de suas autolesões por meio de *smartphones*, realidade cada vez mais presente no cotidiano dessas juventudes.

Ferreira Júnior (2016) acrescenta que o *Efeito Werther* tem sido potencializado na internet devido à grande velocidade com que as informações têm sido veiculadas. Em sua pesquisa, a autora observou o predomínio de discursos religiosos e moralistas, apontando para uma perspectiva individualista e burguesa, típicos da atual sociedade de consumo, geralmente reprodutora de um discurso fascista. Ela partilha do argumento de que a automutilação, cujo crescimento na atualidade tem configurado um problema de saúde pública, precisa ser visualizada também como fatos histórico e sociais, mediados pela sociedade e por suas práticas e valores culturais e destaca a importância de se discutir a relação da pessoa com a cultura.

Já Lopes (2017) alerta para algumas “brincadeiras” e “jogos” perigosos que têm se espalhado entre esse público, contribuindo para agravar o problema, tendo como objetivo final a prática do suicídio, como por exemplo, o jogo Baleia Azul, implicado em várias mortes no Brasil. De acordo com esta autora: “[...] O jogo tem como título original *Blue Whale* e é um game da internet que propõe desafios para os jogadores; no último desafio, o jogador é

orientado a cometer suicídio. Acredita-se que o jogo tenha surgido na Rússia, onde os dois primeiros casos foram registrados [...]” (p. 36).

Ela acrescenta ainda que esse jogo é composto por um total de 50 desafios, em que a pessoa é induzida a tirar fotos assistindo filmes de terror e praticar automutilação por meio do desenho de uma baleia no próprio braço. O último passo é a tentativa de suicídio, o que tem contribuído para que um grande quantitativo de crianças e adolescentes coloquem em risco a sua vida, muitos chegando a perdê-la (LOPES, 2017).

Outra característica presente nas práticas de automutilação na atualidade é apontada por Brandão Júnior e Canavêz (2018), que perceberam em sua pesquisa que, nos discursos da maioria das pessoas que buscavam ajuda para lidar com a automutilação, era frequente a justificativa de recorrerem a essas práticas com o objetivo de obter o alívio de uma dor emocional considerada por elas como insuportável e por uma sensação de vazio e angústia. Considerada pelos autores como uma das modalidades de se viver encontrada por muitas pessoas na contemporaneidade, alertam que esse fenômeno é indissociável da sociedade e cultura da qual fazem parte e que para compreendê-lo é necessário também contemplar esses aspectos.

Partilhamos do argumento de Lorena (2016), no qual as autolesões, ao gerar marcas no corpo, podem ser utilizadas para construir memórias e\ou fornecer os elementos de uma narrativa, na qual “[...] Contar os pontos na pele é a forma de narrar a própria história. O corpo torna-se o local para registrar o sofrimento, como um diário escrito em hieróglifo na superfície corporal” (p. 137).

Conceber as práticas de automutilação como uma forma de narrar a própria condição no mundo implica em considerar a sua historicidade e concebê-la como um fenômeno mutável ao longo do tempo, pois é inseparável das experiências culturais, situando-as como marcas de uma inscrição simbólica. Caracterizada por singularidades que impossibilitam uma concepção universal deste fenômeno, as formas como cada praticante o faz é única, refletindo a sua natureza intrapsicológica e também interpsicológica.

Dessa forma, conceber a automutilação como um fenômeno cultural datado historicamente é compreendê-la como um conjunto de práticas que sofreu - e vem sofrendo - constantes mudanças e funcionando, dentre outras coisas, como “[...] Marcador estético contra a efemeridade da cultura, dos valores de uma sociedade e da própria vida” (GEA, 2013, p. 30).

Exercendo o sentido da “saturação de agoras” de uma historiografia (BENJAMIN, 1993), ainda que não seja possível uma análise conclusiva, observamos que os discursos biomédicos são tentativas de descolar das práticas de automutilação os sentidos religiosos

trazidos na história. Há, todavia, inconsistência nessa tentativa, ao desprender-se desse modelo o olhar contundente para os aspectos ético-políticos, subjacentes à disseminação dessas práticas entre os jovens, por exemplo. Somos inclinados a pensar que a conduta de centrar a causa na experiência individual, ainda que com outros argumentos, reflete o peso de uma culpabilidade simbólica, que precisa ser erradicada a partir de análises mais profundas sobre a constituição cultural dos processos psicológicos humanos.

Dessa forma, é possível observar que houve a mercantilização do corpo que, além de produtor, também assumiu o status de corpo consumidor, o desenvolvimento tecnológico, especialmente através das redes sociais e o avanço científico, repercutindo no surgimento dos primeiros estudos sistemáticos sobre a automutilação. Tais aspectos corroboraram para que houvessem renovações de significação dessas práticas, que deixaram de ser vistas como uma forma de autoflagelo/punição e passaram a ser concebidas predominantemente a partir do modelo biomédico, como patologias individuais passíveis de tratamento. Todavia, acusamos a presença concomitante de outros enfoques alternativos que propõem novas discussões considerando os aspectos histórico-culturais, destacando a natureza dinâmica e processual do funcionamento da cultura dentro dos processos psicológicos humanos que não opera apenas a nível intrapsicológico, mas também interpsicológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi nossa expectativa com esta Historiografia, uma diversificação de conceitos métodos para a pesquisa sobre o fenômeno das práticas de automutilação e, conseqüentemente, agregar ao atual paradigma biomédico uma maior amplitude de enfoque. Assumimos uma postura crítica e o compromisso ético-político de produzir conhecimentos que abranjam também os aspectos históricos, culturais e sociais das autolesões. Argumentamos que essa abrangência pode impactar para a transformação das relações interpessoais com essas pessoas, com reflexo para a proposição de políticas públicas que levem em consideração as suas opiniões e que possam corroborar para a sua acessibilidade e inclusão nas diferentes instituições sociais.

Nessa expectativa, a historiografia aqui realizada possibilita-nos acusar algumas questões que consideramos relevantes: 1) As práticas de automutilação não são uma exclusividade do nosso tempo, tendo passado por diversas renovações de significação ao longo dos três períodos históricos estudados: na Idade Média havia uma forte barreira moral imposta pelo Cristianismo e as práticas de automutilação eram realizadas por meio dos autoflagelos; na Idade Moderna, com o declínio do teocentrismo e o surgimento do racionalismo e capitalismo,

houve um maior foco sob o corpo, concebido como uma máquina a ser investigada cientificamente; e na Idade Contemporânea o corpo passou a ser mercantilizado, assumindo o status de consumidor, acrescido do avanço científico e tecnológico, que potencializaram o surgimento dos primeiros estudos sobre essas práticas e a sua disseminação por meio das redes sociais, passando a ser concebidas como patologias pelo enfoque predominantemente biomédico.

2) Trata-se de um fenômeno que vai além de um desvio ou patologia, sendo antes de qualquer coisa um complexo processo histórico cultural; 3) Não existe um consenso entre os estudiosos de quando e onde surgiram essas práticas; 4) Ainda existe a predominância de uma leitura biomédica, moralista e prescritiva dos praticantes de automutilação, que os julga e culpabiliza pelo seu próprio sofrimento psíquico, contribuindo para gerar vergonha, rótulos, exclusão e dificultar a busca de ajuda.

Além disso, ao realizar esta historiografia não tivemos o intuito de delimitar mecanicamente todas as datas e épocas da automutilação, pois somos cientes de que o registro histórico que fizemos aqui não dá conta de trazer todas as experiências humanas presentes nessas práticas. Nesse sentido, ao nos ancorarmos nos pressupostos historiográficos benjaminianos, ressaltamos que cada período histórico aqui descrito não foi independente um do outro, nem segue uma linearidade, antes, vão se encadeando uns com os outros ao longo do tempo. Abdicamos também da ideia de que existe uma explicação universal e consensual sobre essas práticas, pois tal tentativa é ilusória e não dá conta da sua complexidade e multiplicidade.

Também não foi nosso intuito esgotar o tema, nem tampouco a proposição de conclusões definitivas, tendo em vista a impossibilidade de reunir todas as informações em um único trabalho. Nesse sentido, partilhamos do argumento de Arcoverde (2013), de que é impossível a existência de uma única verdade absoluta sobre esse fenômeno, reconhecendo que as diferentes formulações teóricas sobre a automutilação indicam leituras de mundo fundamentadas em interpretações múltiplas e que a que estamos trazendo é apenas uma das possibilidades de operacionalizar isso. Portanto, nosso intuito é endossar a discussão de que a automutilação é antes de tudo um fenômeno construído pela cultura e pela sociedade e que possui uma historicidade que lhe é inerente e que necessita ser abordado em sua integralidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARATANGY, E. W. *et al.* (Orgs.). **Como lidar com a automutilação**: guia prático para familiares, professores e jovens que lidam com o problema da automutilação. São Paulo: Hogrefe, 2017.

ARCOVERDE, R. L. **Autolesão e produção de identidades**. 2013, 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/845>>. Acesso em 09 Jun. 2020.

ASSUMPÇÃO, A. P. V. A. **O Discurso da falta e do excesso**: a automutilação. 2016, 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas\ RS, 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/O-Discurso-da-Falta-e-doExcesso_Automutilacao-Ana-Paula-Vieira-de-AndradeAssump%C3%A7%C3%A3.pdf>. Acesso em 19 Fev. 2020.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. N.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo, v. 23, n. 1, Dez. 2011, p. 24-34. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>>. Acesso em 24 Mar. 2020.

BENJAMIN, W. Novas teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 5ª ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 222-232.

BERNAL, E. P. **Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação**. 2019, 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-17062019-100931/publico/bernal_corrigida.pdf>. Acesso em 26 Mar. 2020.

BERNARDES, S. M. **Tornar-se (in) visível**: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam. 2015, 123 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135810>>. Acesso em 12 Jun. 2020.

BÍBLIA SAGRADA, Português. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo testamento. Edição catequética popular. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica). 18ª ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2015, p. 21-46.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

BRANDÃO JÚNIOR, P. M. C.; CANAVÊZ, F. O Corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. **Analytica - Revista de Psicanálise**. São João Del-Rei, v. 7, n. 13, Dez. 2018, p. 179-191. Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/3341>>. Acesso em 26 Mar. 2020.

CARDOSO, B. C. C. **A Escarificação na adolescência**: a problemática do eu-pele a partir do método Rorschach. 2015, 182 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília/ DF, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream_BrunoCavaignagCardoso.pdf>. Acesso em 16 Jun. 2020.

CATÃO, A. M. L. **Psicologia e educação em Goiás**: uma contribuição historiográfica. 2016, 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede>>. Acesso em 04 Nov. 2019.

CHALITA, G. **Vivendo a filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

CONCEIÇÃO, M. F. O. **História da psicologia social e da comunicação de massa**: leituras a partir de uma historiografia crítica. 2011, 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle>>. Acesso em 04 Nov. 2019.

COSTA, A. O Corpo e seus afetamentos. **A Peste**. São Paulo, v. 2, n. 2, Dez. 2010, p. 313-321. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/16631>>. Acesso em 26 Mar. 2020.

DEMANTOVA, A. G. **Escarificações na adolescência**: corpo atacado, corpo marcado. 2017, 96 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos>. Acesso em 15 Nov. 2019.

DETTMER, S. E. S. **Cutting**: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS). 2018, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Fundação Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados\ MS, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/123456789>>. Acesso em 28 Mar. 2020.

DE VILHENA, J. Corpo como tela... Navalha como pincel: a escuta do corpo na clínica psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 19, n. 4, Dez. 2016, p. 691-706. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142016000400691&scriptsci_abstract&tnpt>. Acesso em 05 Mar. 2020.

FALCÃO, J. **Cortes & cartas**: estudos sobre automutilação. Curitiba: Appris, 2021.

FERREIRA, J. C. **Mensagens sobre esscarificações na internet**: um estudo psicanalítico. 2014, 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <<http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-edissertacoes/2014/josani>>. Acesso em 19 Mar. 2020.

FERREIRA JÚNIOR, A. **Discursos nos comentários sobre notícias de suicídio na internet a partir de três estudos de casos**. 2016, 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/Tese%20Ferreira_Avimar.pdf>. Acesso em 25 Jul. 2020.

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GARRETO, A. K. P. **O Desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação**. 2015, 223 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-6082015-1241>. Acesso em 15 Nov. 2019.

GEA, M. R. **Corpos marcados**: adolescência e ideais na contemporaneidade. 2013, 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-30072013-095819/publico/Gea_me.pdf>. Acesso em 15 Maio, 2020.

GIUSTI, J. S. **Automutilação**: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. 2013, 184 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142>>. Acesso em 11 Ago. 2020.

GONÇALVES, J. N. **“Vocês acham que me corto por diversão?” – Adolescentes e a prática da automutilação**. 2016, 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/VocesAchamQue>>. Acesso em 16 Nov. 2019.

HENRIQUES, R. L. S. P. A Automutilação nas políticas públicas de saúde mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**. Minas Gerais, v. 3, n. 6, Dez. 2018, p. 172-189. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/16023>>. Acesso em 08 Jul. 2020.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva: 2004, p. 158.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KIERKEGAARD, S. A. **O Conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de *Vigilius Haufniensis*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOPES, J. J. B. **Quem sou eu(s) em ti?** A tácita alteridade na automutilação. 2012, 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/70651643.pdf>>. Acesso em 04 Jul. 2020.

LOPES, L. S. **A Escola como cenário de narrativas da adolescência**: escuta analítica de adolescentes que praticam automutilação. 2017, 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Fortaleza, Fortaleza/CE, 2017. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br/bitstre/tese_pdf>. Acesso em 13 Jan. 2018.

LORENA, R. G. S. **Um corpo para (de) marcar-se**: estudo psicanalítico acerca das escarificações na adolescência. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/renata_guarana_sousa_lorena.pdf>. Acesso em 11 Jun. 2020.

MARTINS, M. M. B. As diversas significações do conceito de corpo em São Tomás de Aquino. **Medievalia**: Textos e Estudos. Porto, v. 17, n. 18, s/m, 2000, p. 143-155. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/21686/1/As%20diversas%20significa%C3%A7%C3%B5es%20do%20conceito%20.pdf>>. Acesso em 08 Ago. 2021.

MORAES, W. C. **Angústias da automutilação**. 2018, 27 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia) - Universidade Faculdades Atibaia, Atibaia\SP, 2018. Disponível em: <<https://www.google.com/Angustias+da+automutilacao.pdf>>. Acesso em 24 Mar. 2020.

PALAU, J. R. F. **A Força salvífica da mortificação**: proposta de uma nova reflexão teológico-pastoral acerca da mortificação cristã. 2007, 338 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Mar. 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/10064/10064_.PDF>. Acesso em 23 Fev. 2020.

PÉREZ DE PLÁ, E. Infância e DSM. Os transtornos globais do desenvolvimento e a deficiência mental. In: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, S. (Orgs.). **O Livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: *Via Lettera*, 2011, p. 175-204.

REIS, C. E. S. Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. **Revista Gestalt-Terapia na Rede**. São Paulo, v. 15, n. 29, Dez. 2018, p. 131-146. Disponível em: <www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc>. Acesso em 10 Mar. 2020.

RIBEIRO, T. N. Automutilação: representações e modos de subjetivação na adolescência. **Revista de Ciências Humanas ReAGES**. Paripiranga\BA, v. 1, n. 3, Jun. 2019, p. 32-36. Disponível em: <<http://npu.faculdadeages.com.br/index./revistadecienciashumanas/article/6>>. Acesso em 19 Mar. 2020.

RODRIGUES, M. A. F. **O Corpo como objeto de marca (s)**: modificações corporais e a procura de significado num território não demarcado. 2015, 477 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015. Disponível em: <[https://bdigital.ufp.pt/bitstream/O Corpo como](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/O%20Corpo%20como)>. Acesso em 11 Nov. 2019.

RODRIGUES, P. P. **Gritos silenciosos**: quando as impossibilidades de simbolização de conflitos retornam ao corpo - automutilação na adolescência. 2018, 31 f. Monografia (Especialização em Saúde do Adolescente) - Faculdade de Medicina. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/tcc_banca_paloma_rodrigues.pdf>. Acesso em 19 Mar. 2020.

VALSINER J. **Fundamentos da psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VENOSA, V. S. **O “Ato de cortar-se”**: uma investigação psicanalítica a partir do caso Amanda e do caso Catarina. 2015, 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19022016-153519/en.php>>. Acesso em 18 Jun. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MANUSCRITO 2: IMPLICAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS NAS NARRATIVAS DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA SOBRE AUTOMUTILAÇÃO

RESUMO

Nossa revisão da literatura mostrou transformações nas práticas de automutilação ao longo dos três períodos históricos analisados. Refletimos sobre esses resultados e empenhamo-nos para uma maior abrangência da historiografia das práticas de automutilação a partir da produção de informações com dados empíricos sobre concepções atuais acerca dessas práticas. Descrevemos aqui, uma pesquisa de campo que teve o objetivo de investigar as implicações historiográficas na negociação de sentidos acerca das práticas de automutilação nas narrativas de graduandos em Psicologia. A metodologia consistiu em um ciclo de sete oficinas para fomentar escritas de narrativas individuais e coletivas. Por questões éticas, não abordamos diretamente as pessoas que praticam automutilação. Adotamos como estratégia metodológica a tomada de perspectiva do outro ou a experiência de se colocar no lugar de uma pessoa indeterminada que pratica automutilação. Os resultados indicaram uma relação entre unidades temáticas configuradas nas narrativas dos graduandos em Psicologia e conteúdos descritos na literatura sobre as práticas de automutilação em diferentes períodos históricos. Concluímos que a incidência do campo semântico ‘comunicação/relatos’ sinalizou outros aspectos nas concepções atuais sobre automutilação, excluídos das explicações do modelo biomédico predominante. A nossa expectativa é que a atenção para esses aspectos favoreça a dimensão das relações interpessoais, ainda ausente nos estudos sobre a automutilação.

Palavras-Chave: Automutilação; Narrativas; Historicidade; Relações Interpessoais.

HISTORIOGRAPHICAL IMPLICATIONS IN THE NARRATIVES OF PSYCHOLOGY UNDERGRADUATES ABOUT *SELF*-MUTILATION

ABSTRACT

Our literature review showed changes in self-mutilation practices over the three historical periods analyzed. We reflect on these results and strive for a greater coverage of the historiography of self-mutilation practices based on the production of information with empirical data on current conceptions about these practices. We describe here a field research that aimed to investigate the historiographic implications in the negotiation of meanings about self-mutilation practices in the narratives of undergraduates in Psychology. The methodology consisted of a cycle of seven workshops to encourage the writing of individual and collective narratives. For ethical reasons, we do not directly approach people who practice self-mutilation. We adopted as a methodological strategy taking the other's perspective or the experience of putting oneself in the place of an indeterminate person who practices self-mutilation. The results indicated a relationship between thematic units configured in the narratives of undergraduates in Psychology and contents described in the literature on self-mutilation practices in different historical periods. We concluded that the incidence of the semantic field 'communication/reports' signaled other aspects in current conceptions about self-mutilation, excluded from the explanations of the predominant biomedical model. Our expectation is that attention to these aspects favors the dimension of interpersonal relationships, which is still absent in studies on self-mutilation.

Keywords: *Self-Mutilation Practices; Psychology and History; Narratives; Production of Historical Meanings; Interpersonal relationships.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura indica um aumento na incidência das práticas de automutilação, principalmente entre adolescentes e jovens (ARATANGY *et al.*, 2017; DEMANTOVA, 2020). Esse aumento tem provocado profissionais para buscar explicações necessárias ao melhor atendimento às pessoas que se automutilam. Acusamos, todavia, a hegemonia do modelo biomédico na base das explicações divulgadas até agora e dos serviços que delas derivam (ARCOVERDE, 2013; DETTMER, 2018). Situamo-nos entre os pesquisadores também provocados para construir informações sobre as práticas de automutilação, defendendo o foco nos aspectos historicoculturais (ALMEIDA; VIEIRA; SILVA, 2020).

Nessa perspectiva, descrevemos aqui uma pesquisa que teve o objetivo de investigar implicações historiográficas na negociação de sentidos sobre automutilação nas narrativas de graduandos em Psicologia. A justificativa para nossa opção pela análise de narrativas atuais reflete a revisão da literatura, que indicou a presença de comportamentos autolesivos ao longo de diferentes períodos da história das sociedades humanas (BERNARDES, 2015; GONÇALVES, 2016; BRANDÃO JÚNIOR; CANAVÊZ, 2018). Além disso, consideramos características do método historiográfico de acordo com Benjamin (1993), no que se refere a volta ao passado dirigida, entretanto, para a saturação de informações sobre o ‘agora’. Então, julgamos ser relevante agregar a essa historiografia, uma análise da negociação de sentidos nas narrativas de jovens sobre as práticas de automutilação em cenários atuais. A nossa expectativa é relacionar, em sentido amplo, passado e futuro de concepções sobre automutilação a partir de narrativas escritas no presente.

1. AS RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E HISTÓRIA

Historiografar significa capturar (explicar) transformações ao longo do tempo. Por essa razão, reivindica atenção para os processos metodológicos. O enfoque historiográfico que assumimos aqui, além das discussões tecidas por Benjamin (1993), inclui também considerações de Vigotski (2010) e Valsiner (2012) sobre a essencialidade do método em Psicologia. Para Vigotski (1926/2004, p. 69) “[...] A procura de um método torna-se um dos

problemas mais importantes de todo o empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica”.

No seu texto *O Significado histórico da crise na Psicologia: uma investigação metodológica*”, Vigotski (2004) expôs a crise e fragmentação existentes nesta ciência, destacou a importância de uma metodologia unificadora cuja base estava no “[...] estudo histórico das formas concretas que a ciência foi adotando e na análise teórica dessas formas para chegar a princípios generalizadores, comprovados e válidos” (p. 210). Nestes termos, ele propôs o materialismo histórico-dialético como epistemologia da integração metodológica que a Psicologia necessitava (VAN DER VEER; VALSINER, 2012). Ao assumir essa epistemologia, Vigotski (2007) destacou que “estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança [...]” (p. 68). Ressaltamos, todavia, que embora com princípios relevantes, a sua tentativa de unificação da Psicologia não se concretizou.

As relações entre Psicologia e História implicam ainda em atentar para a dinâmica dos fenômenos psicológicos, que passam por processos de mudança ao longo do tempo. Uma vez que as experiências humanas se movimentam historicamente “Não convém estudar o homem como uma criatura que permaneceu continuamente com as mesmas qualidades essenciais que adquiriu da natureza, mas como um ser que permanece em constante mudança” (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 220). Ou seja, para essa perspectiva teórica o ser humano não é determinado, mas um vir a ser.

Para Vigotski (2004) toda experiência humana é histórica, pois: “[...] O homem não se serve apenas da experiência herdada fisicamente. Toda a nossa vida, o trabalho, o comportamento baseiam-se na utilização muito ampla da experiência das gerações anteriores [...]. Convencionaremos chamá-la de experiência histórica” (p. 64). Além disso, Bock (2015) acrescenta que as relações entre Psicologia e História fomentam uma leitura crítica das relações humanas, abdicando de visões abstratas e naturalizadas da pessoa, a partir do reconhecimento da sua história de desenvolvimento ao longo do tempo. Abdica também do positivismo e do idealismo na produção de conhecimento em Psicologia e da ideia de neutralidade científica, ao mesmo tempo em que propõe uma pesquisa posicionada a favor de melhores condições de vida. Bock, Furtado e Teixeira (2019) agregam o compromisso social do pesquisador, que abrange, entre outras coisas, a necessidade de rever a forma como as políticas públicas são construídas.

Em resumo, a concepção vigotskiana de história se traduz como uma leitura crítica das relações sociais humanas (VIGOTSKI, 1998; 1999; 2009). Pesquisadores da Psicologia Cultural dão continuidade a esse legado a partir da exploração da natureza semiótica dos processos psicológicos. Nessa exploração, as narrativas, enquanto forma de organização das

experiências psicológicas, são tomadas como principal orientação teórico-metodológica para o estudo do desenvolvimento humano (BRUNER, 1997; VALSINER, 2012; VIEIRA, 2020).

2. NARRATIVAS E HISTÓRIA

A abordagem metodológica desta pesquisa foi a análise de narrativas e o princípio operante das atividades narrativas é a produção de histórias. Para Bruner (1997) o ser humano organiza suas experiências psicológicas narrativamente, o que implica em ação e intencionalidade. Tal ação narrativa faz a mediação entre o mundo culturalmente previsto e a idiosincrasia dos pensamentos no universo do *self*. Para o autor, as narrativas estruturam os sentidos das experiências humanas numa estreita ligação com os significados sociais e culturais estabelecidos historicamente.

Vieira (2020) acrescenta que as narrativas são relatos de eventos que se processam ao longo do tempo e que, nesse sentido, a história pressupõe intencionalidades que reiteram os valores que os seres humanos atribuem às suas experiências no mundo. Isso significa que a história opera como um princípio ativo que estrutura a produção de sentidos humana, sendo o tempo o elo que faz a ligação das narrativas com a história. Lyra, Ribeiro e DeConti (2018) apontam para o campo simbólico, os significados, que nas narrativas são eminentemente temporais, na medida que inscrevem a experiência individual humana na história cultural. Em síntese, o uso de narrativas como procedimento teórico-metodológico nas pesquisas em Psicologia requer que se leve em consideração que o tempo é o fio condutor da sua interpretabilidade (BRUNER, 1997; LYRA, RIBEIRO; DeCONTI, 2018).

Em outras palavras, tempo é sinônimo de historicidade. Bruner (1997), ao discutir a relação entre narrativas e tempo, remete-se à “estrutura de tempo engajado”, que não se define pelo relógio, mas pelas ações humanamente relevantes que se processam dentro de seus limites, proporcionando o ancoramento para a natureza episódica das narrativas e para a construção de seus significados. Resume-se, então, que nos estudos com narrativas, existem dois princípios interdependentes, a temporalidade e a interpretabilidade, que funcionam como guias unificadores os quais são pressupostos fundamentais para a Psicologia Cultural, diante da diversidade de abordagens epistemológicas que se utilizam de narrativas para investigar os processos psicológicos e o desenvolvimento humano.

3. A TOMADA DE PERSPECTIVA DO OUTRO (EMPATIA): UMA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL

De acordo com Justo, Carvalho e Kristensen (2014) não existe um consenso na literatura sobre qual a melhor forma de definir a empatia. Apesar disso, esses autores defendem que empatia pode ser compreendida como uma capacidade de compreender outra pessoa a partir do quadro de referência dela e não do próprio, experimentando vicariamente seus pensamentos, emoções e percepções podendo, até mesmo, adotar atitudes com o intuito de ajudar, agregar, cuidar, de forma justa e solidária.

Além disso, o fato de uma pessoa sentir empatia por outra não implica necessariamente que ela irá agir de forma empática. Existem várias atitudes que podem ser tomadas, sendo a mais comum delas a chamada de consideração pelo outro, que é uma tendência para agir pró-socialmente, quando se utiliza da capacidade de compreensão para ajudar o outro a aliviar um sofrimento. Esta é uma das reações externas da empatia mais comumente pesquisadas (JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2014).

Araújo (2014) ressaltou que a empatia não se resume apenas em um encontro de emoções entre duas pessoas. Ela inclui uma resposta emocional vicária, à imagem mental que uma pessoa tem do sofrimento de uma outra. Consequentemente: “[...] o sujeito que empatiza percebe e sente as respostas afetivas do outro, voltando-se para a experiência do ponto de vista da outra pessoa, mais do que para a sua própria percepção do evento” (ARAÚJO, 2014, p. 12).

Para Ramos (2012), uma definição de empatia requer uma análise da trajetória histórica de sua expressão entre as pessoas. Para essa autora, a utilização dessa palavra em Psicologia surgiu no ano de 1873, relacionada com o termo *Einfühlung*, que o alemão Robert Vischer usou para se referir a uma projeção do “eu” diante de uma obra de arte. Para Araújo (2012), a partir de *Einfühlung*, passou-se a acreditar que propriedades das obras de arte poderiam ser sentidas como se fossem originadas das próprias obras, como se elas tivessem vida própria. Posteriormente, essa definição de empatia foi reformulada por vários autores, sem o alcance de um consenso.

A discussão sobre empatia foi ampliada por historiadores e cientistas sociais para o âmbito da investigação sobre as relações humanas, que passaram a referi-la como o conhecimento da consciência de outra pessoa. Em 1909, Edward Titchener propôs o termo *empathy*, a partir do radical grego *empathēia*, que significa “paixão” ou “ser muito afetado”, argumentando que a empatia dependeria tanto de uma habilidade inata quanto de experiências sociais para a sua promoção ou atraso. Dessa forma, ela passou a ser estudada pela Psicologia

como uma habilidade que as pessoas nascem com ela e que pode ser aprimorada no decorrer do desenvolvimento humano (RAMOS, 2012; FORMIGA, 2013).

Na atualidade, a discussão sobre empatia está diretamente relacionada com a capacidade de tomada de perspectiva do outro, podendo inferir seus sentimentos, compreendendo e coordenando suas motivações e necessidades, em um processo que envolve afetos, pensamentos e atitudes dirigidas intencionalmente em benefício de outra pessoa. Conseqüentemente, empatia é uma qualidade que favorece ao estabelecimento de vínculos entre pessoas e mobiliza ajuda ao outro, ao mesmo tempo que proporciona benefícios para o desenvolvimento próprio (RAMOS, 2012; FORMIGA, 2013).

Em resumo, a empatia é uma habilidade multidimensional e, com ela, implica-se, ao mesmo tempo, a operação de aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais no âmbito das interações sociais, manifestando-se, todavia, de forma singular para cada pessoa. Com essas características, a empatia é uma função relevante no desenvolvimento humano, com potencial para atuar como fator de proteção contra problemas psicológicos.

4. METODOLOGIA

Descrevemos, aqui, uma pesquisa de campo com perspectiva idiográfica e sistêmica. Essa perspectiva parte do pressuposto de que todo fenômeno humano é singular, não sendo passível de comparações. Alinhamo-nos com as explicações de Valsiner (2012) sobre o ciclo metodológico, isto é, um processo de construção do conhecimento, no qual a conduta metodológica pode ser constantemente revista ao longo da pesquisa, que envolve o conhecimento prévio do pesquisador sobre seu campo de investigação (experiência intuitiva), o levantamento bibliográfico feito acerca dos principais conceitos envolvidos no estudo (conhecimento teórico), sua visão de mundo e sua localização (compreensão axiomática) e o fenômeno em si (dados).

Realizamos uma pesquisa-intervenção. Esse tipo de pesquisa parte do pressuposto de que a relação pesquisador/participante é dinâmica e determina os caminhos da pesquisa, consistindo numa produção de todo o grupo envolvido. Nessa modalidade de pesquisa, evidencia-se a implicação do pesquisador na produção do conhecimento e o seu comprometimento ético-político e social. Em outras palavras, este tipo de pesquisa rompe com os modos tradicionais de se produzir conhecimento, apresentando-se como uma proposta investigativa transformadora da realidade sócio-política, tendo em vista sempre propor uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. Dessa forma, afirma-se “[...] o seu

caráter desarticulador das práticas e dos discursos instituídos, inclusive os produzidos como científicos, substituindo-se a fórmula “conhecer para transformar” por “transformar para conhecer” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 67).

A intervenção consistiu em um ciclo de sete oficinas. Destacamos que nesta pesquisa não trabalhamos diretamente com pessoas que praticam automutilação. Como estratégia metodológica, adotamos a tomada de perspectiva do outro (ação de se colocar em seu lugar) com o objetivo de mobilizar nos participantes uma vivência empática dirigida às experiências e sentimentos envolvidos nos casos de práticas de automutilação.

Esta medida consistiu no exercício da intuição do pesquisador, previsto nas explicações do ciclo metodológico de Valsiner (2012). Nessas explicações, o pesquisador tem papel ativo na sua busca por meios (metodologias) para responder aos objetivos da investigação. Além disso, diante do atual cenário da pandemia da COVID-19, que levou as autoridades em saúde pública a prescreverem medidas de distanciamento social, esta pesquisa foi realizada de forma remota, através da plataforma *Google Meet*.

4.1 Participantes

Participaram do ciclo de oficinas 15 estudantes do Curso de Graduação em Psicologia (UFAL), através de atividades remotas. Esclarecemos que a participação dos estudantes nas oficinas foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL - CEP (CAEE 40259120.6.0000.5013). Como requisito para essa aprovação, efetivamos essa participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos próprios jovens, todos maiores de 18 anos. Ressaltamos que, antes de solicitar a assinatura dos TCLEs pelos participantes, apresentamo-lhes os esclarecimentos sobre o estudo, para que pudessem decidir voluntariamente sobre sua participação.

Durante as instruções, antes do início da atividade propriamente dita, informamos aos participantes que não objetivávamos nem incentivaríamos relatos próprios de pessoas que recorrem à automutilação, para a sua proteção contra situações de exposição pessoal. Para justificar nossa posição, informamos que nosso foco de trabalho foi a tomada de perspectiva do outro (empatia), como estratégia metodológica. Associados com esses esclarecimentos, tomamos todas as medidas, estritamente cautelosas, para interromper situações que viessem a caracterizar relatos pessoais e\ou que promovessem a identificação de casos concretos.

4.2. Procedimentos para construção das narrativas

As narrativas foram escritas a partir de um ciclo de sete oficinas virtuais. Estas oficinas foram realizadas uma vez por semana e tiveram a duração média de duas horas. As oficinas seguiram os encaminhamentos metodológicos detalhados abaixo:

A primeira oficina consistiu em uma sondagem de interpretações sobre as práticas da automutilação que foi conduzida a partir de roda de conversa introdutória, para composição também de laços entre os participantes. A segunda oficina consistiu na produção de narrativas escritas individuais. Nessa etapa, os participantes foram inicialmente envolvidos em situações que os permitiram experimentar a tomada de perspectiva do outro (empatia). Eles foram sensibilizados para pensar como se fossem outra pessoa. Na preparação para essa experiência, o pesquisador não tratou diretamente do tema da automutilação. Concretamente, apresentou quatro recortes de vídeos que ilustraram diferentes situações envolvendo pessoas, nas quais insinuavam-se que elas precisavam escolher ou tomar decisões. Nas oficinas o pesquisador incentivava os participantes a prever qual a escolha das pessoas do vídeo e a refletir sobre as razões para aquela escolha. Ao responder essas questões, o participante, então, se colocava no lugar das pessoas do vídeo. Isto é, ele tomava a perspectiva do outro, ou experimentava empatia.

Como continuidade da segunda oficina, o pesquisador solicitou aos participantes que produzissem narrativas individuais em um arquivo *Word* e lhe enviassem por e-mail. Para disparar as narrativas, o pesquisador apresentou a seguinte pergunta gerativa: “Se você tivesse a oportunidade de conversar com uma pessoa que pratica automutilação, o que você acha que ela gostaria de ouvir? Por quê?”. Então reservou-lhes o tempo de até 45 minutos para o envio das narrativas individuais e esclareceu que estaria *on-line*, para prestar-lhes suporte, caso precisassem.

A terceira oficina consistiu em uma roda de conversa sobre as narrativas escritas na oficina anterior. O pesquisador solicitou que os participantes retomassem seus arquivos e os estimulou a partilhar suas ideias sobre o que uma pessoa que pratica automutilação gostaria de ouvir. Nesse momento, o pesquisador abriu um arquivo *on-line* (através da plataforma *Google Meet*) e registrou simultaneamente (no formato de tópicos) as ideias centrais para cada autor (participante). A etapa seguinte desta roda de conversa foi destinada à discussão aberta, na qual os participantes partilharam pontos de vistas sobre a relação entre as ideias que pontuaram nas suas narrativas e as informações prévias - que assumiram ou aceitaram a partir de suas interações sociais e contato com o senso comum, mídias etc. Também nesta etapa, o

pesquisador abriu outro arquivo através da plataforma *Google Meet* e registrou os aspectos destacados nas falas dos participantes.

A quarta oficina consistiu na produção de narrativas coletivas com foco sobre o passado de alguém imaginário, que praticava automutilação há alguns anos. O pesquisador alertou que os verbos dessa narrativa deveriam ser conjugados no passado. Em seguida, solicitou aos participantes que se organizassem em uma fila e os instruiu que essa fila corresponderia à ordem (da primeira à última pessoa), na composição de um arquivo compartilhado que circulou entre eles. Todos os participantes seguiram essa sequência, na qual cada um escreveu (livremente) pelo menos uma frase, preservando o sentido de continuidade da história em curso. Quando o último da fila escreveu, encerrou-se uma rodada.

O compartilhamento do arquivo (em forma de escrita coletiva) foi viabilizado através de um *link* no *Google Docs*, a partir do qual os participantes localizaram um documento do *Word* com a frase gerativa: “A primeira vez que provoquei lesões em meu corpo foi...”. Foram realizadas duas rodadas (cada uma durou aproximadamente 40 minutos). Em cada rodada, após a escrita da última pessoa dessa fila, o pesquisador leu em voz alta o conteúdo do arquivo (a narrativa coletiva), para que todos o conhecessem integralmente. Terminada a fase da escrita, os participantes formaram uma roda de conversa para refletir sobre a história coletiva que produziram.

A quinta oficina teve objetivo semelhante à anterior. A diferença foi que nesta focalizamos a atualidade (o presente) das experiências de pessoa indeterminada que praticava automutilação. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, seguimos os mesmos passos da oficina anterior, com a ressalva para que os verbos utilizados na escrita da narrativa coletiva fossem conjugados no presente. Nessa perspectiva, a frase gerativa, acessada através do *link* do *Google Docs* foi: “Às vezes eu provoco lesões em meu próprio corpo, então...”. O arquivo circulou entre os participantes, que aguardaram sua vez na fila. Cada um avisava no áudio do *Google Meet* quando havia concluído sua escrita. Dessa forma a pessoa seguinte poderia continuar. Após duas rodadas (intercaladas pela leitura do arquivo em voz alta pelo pesquisador) iniciou-se uma roda de conversa.

A sexta oficina teve objetivo semelhante às duas últimas. A diferença agora, foi o foco nas expectativas para o futuro de uma pessoa (indeterminada) que praticava automutilação. Os verbos nessa narrativa foram conjugados no futuro e, na mesma direção, a frase gerativa acessada através do *link* do *Google Docs* foi: “Sobre o meu comportamento de provocar lesões no meu corpo, eu penso que futuramente...”.

A justificativa para fomentar as narrativas nos três tempos (passado, presente e futuro) reflete discussões sobre o papel do tempo como parâmetro central para negociação dos sentidos nas narrativas (BRUNER, 1997; LYRA; RIBEIRO; DeCONTI, 2018). Considerando essa discussão, recorreremos estrategicamente à indicação do tempo da narrativa, como motivo para promover a variabilidade da negociação de sentidos nas narrativas dos participantes das oficinas.

A sétima e última oficina consistiu em uma roda de conversa na qual o pesquisador incentivou os participantes para analisarem as ideias manifestas nas narrativas escritas (individuais e coletivas), considerando-se as transformações ao longo do tempo (passado, presente e futuro). Na medida em que os participantes expressavam seus pontos de vista, o pesquisador os registrava em um arquivo através da plataforma *Google Meet*. Todas as oficinas foram gravadas com a autorização de todos os participantes.

4.3 Procedimentos para análise dos dados

Para a análise dos dados, foram seguidos os seguintes procedimentos metodológicos:

4.3.1 - Leitura exaustiva das 18 narrativas: todas as 18 narrativas (sendo 15 narrativas individuais e 3 narrativas coletivas no passado, presente e futuro) foram lidas e relidas com atenção por diversas vezes pelo pesquisador com o intuito de familiarizar-se a apropriar-se dos seus processos de produção de sentido.

4.3.2 - Definição de critérios para segmentação das unidades temáticas: foram adotados dois critérios: 1) *A relação entre tema, sentido e significado em Bakhtin (1988)* que nos deu visibilidade para algumas configurações nas quais um mesmo sentido fosse revelado por meio do uso de palavras distintas. Isso significa que houve situações em que os participantes, narrativamente, remeteram-se a informações semelhantes através de palavras sinônimas; e 2) *Frequência de palavras repetidas no mínimo três vezes:* Durante a leitura das narrativas, registramos as situações nas quais determinadas palavras foram frequentemente repetidas. Como procedimento de análise sublinhamos essas ocorrências. No quadro 1, indicamos exemplos dos critérios 1 e 2, respectivamente:

Quadro 1 – Exemplos de critérios de segmentação das unidades temáticas

Unidade Temática	Narrativa
Punição/ Culpa	<i>Exemplo 1:</i> Em casos em que se inflige dor como <u>punição</u> , vale fazer a pessoa se questionar do porquê ela precisa ser <u>punida</u> por cometer erros, se tais erros não escapam da natureza do ser humano; por se sentir <u>culpada</u> , se, muitas vezes, não é sua <u>culpa</u> ou não é algo que estivesse sob seu controle.
Olhar	<i>Exemplo 2:</i> Todos os dias eu me <u>olho</u> no <u>espelho</u> , <u>olho</u> para os meus braços, <u>olho</u> em cada parte que eu escondo com grandes vestes e me pego pensando: como eu cheguei nesse ponto?

No exemplo 1, as palavras punição, punida, culpada e culpa, por pertencerem ao mesmo campo semântico, fundamentaram, então, a definição da unidade temática como punição/culpa. Já no exemplo 2, a repetição da palavra olho três vezes, somada a palavra espelho, fizeram com que unidade temática fosse denominada pelo pesquisador como olhar. Destacamos ainda que não foi nosso intuito fazer um levantamento exaustivo de todas as unidades temáticas, mas apenas das mais relevantes.

4.3.3 - Diagramação das narrativas: Nesta pesquisa, os procedimentos até agora descritos foram aplicados às 18 narrativas analisadas. Os resultados dessa aplicação foram diagramados, ou seja, as etapas analíticas aplicadas às narrativas com o intuito de explorar as implicações historiográficas sobre negociação de sentidos sobre as práticas de automutilação foram organizadas em quadros. Foram elaborados quadros com duas colunas que identificaram as unidades temáticas (que, como já dissemos anteriormente, foram sublinhadas). Também incluímos as situações indefinidas, tendo em vista que as narrativas foram trabalhadas em sua integralidade, sem cortes ou supressões do seu conteúdo. Os quadros foram elaborados pelo pesquisador com o intuito de possibilitar uma melhor visualização das unidades temáticas, que por sua vez foram possíveis de serem analisadas em sua diversidade e correlação com o tempo narrativo (passado, presente e futuro).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir apresentamos o levantamento das unidades temáticas das quinze narrativas individuais (que foram enumeradas numa sequência de quadros de 1 a 15) e das três narrativas coletivas - no passado, presente e futuro (nos quadros enumerados de 16 a 18, respectivamente).

5.1 Levantamento de unidades temáticas:

Quadro 2 - Narrativa individual 1

Unidade Temática	Narrativa
Sufrimento	Se eu pudesse conversar com uma pessoa que pratica automutilação, eu tentaria entender por quais situações ela está/esteve passando que a levaram até essa prática. Nesse sentido, eu não faria uma pergunta direta, porque muitas pessoas não se sentem à vontade para falar sobre seus <u>sofrimentos</u> , mas tentaria demonstrar ao máximo que existe uma pessoa que está interessada e que se importa com a <u>dor</u> desse outro. Além disso, procuraria uma maneira de falar para essa pessoa que existem outros caminhos, que as <u>dores</u> podem ser ressignificadas, que ela não está sozinha.
Julgamento	Além de tudo que foi mencionado, acredito que uma pessoa que pratica automutilação gostaria, mais do que ouvir, ser ouvida! Saber que existe alguém à disposição, alguém que não está <u> julgando</u> . A questão do <u> julgamento</u> merece atenção, porque muitas vezes as pessoas que praticam automutilação são <u> julgadas</u> (em sua maioria por pessoas que não sabem se colocar no lugar do outro) por realizar essa prática e são tachadas de ‘fracas’, podendo esse <u> julgamento</u> tornar ainda maior um sofrimento existente que já é grande.

Quadro 3 - Narrativa individual 2

Unidade Temática	Narrativa
Sufrimento	Escrevendo de forma objetiva, eu diria que ela é importante e que ao redor dela existem pessoas que se preocupam com ela e que <u>sofrem</u> com sua <u>dor</u> ; por mais difícil que a vida seja em alguns momentos, existem outros momentos, pessoas e causas que nos mostram que vale a pena e que por mais que contenha <u>sofrimento</u> , a vida não se restringe a isso. Diria que não posso entender completamente o que ela sente, mas que ela deve procurar ajuda para lidar com essa <u>dor</u> de outras maneiras. O <u>sofrimento</u> também pode ser encarado como uma escada que nos leva até o crescimento e fortalecimento.

Quadro 4 - Narrativa individual 3

Unidade Temática	Narrativa
-------------------------	------------------

Comunicação/ relato	De início perguntaria se haveria um motivo específico que levasse ela/e a se automutilar e se ela/e se sentiria confortável em <u>falar</u> sobre isso. Se a resposta fosse sim, eu tentaria adequar minhas <u>falas</u> para que se encaixasse na necessidade daquela pessoa. Às vezes você precisa ouvir algo que você não quer para poder ficar bem, então não acho que eu teria de <u>dizer</u> coisas que a pessoa gostaria de ouvir, mas coisas que lhe ajudasse a <u>externalizar</u> sua dor e apaziguar de uma forma que não precisasse se ferir. Frequentemente é necessário mais ouvir do que <u>falar</u> , talvez só seja necessário um <u>desabafo</u> , um grito de socorro, uma palavra de conforto e ajuda.
Escuta	De início perguntaria se haveria um motivo específico que levasse ela/e a se automutilar e se ela/e se sentiria confortável em falar sobre isso. Se a resposta fosse sim, eu tentaria adequar minhas falas para que se encaixasse na necessidade daquela pessoa. Às vezes você precisa <u>ouvir</u> algo que você não quer para poder ficar bem, então não acho que eu teria de dizer coisas que a pessoa gostaria de <u>ouvir</u> , mas coisas que lhe ajudasse a externalizar sua dor e apaziguar de uma forma que não precisasse se ferir. Frequentemente é necessário mais <u>ouvir</u> do que falar, talvez só seja necessário um desabafo, um grito de socorro, uma palavra de conforto e ajuda.
Sofrimento	De início perguntaria se haveria um motivo específico que levasse ela/e a se automutilar e se ela/e se sentiria confortável em falar sobre isso. Se a resposta fosse sim, eu tentaria adequar minhas falas para que se encaixasse na necessidade daquela pessoa. Às vezes você precisa ouvir algo que você não quer para poder ficar bem, então não acho que eu teria de dizer coisas que a pessoa gostaria de ouvir, mas coisas que lhe ajudasse a externalizar sua <u>dor</u> e <u>apaziguar</u> de uma forma que não precisasse se <u>ferir</u> . Frequentemente é necessário mais ouvir do que falar, talvez só seja necessário um desabafo, um <u>grito de socorro</u> , uma palavra de conforto e ajuda.

Quadro 5 - Narrativa individual 4

Unidade Temática	Narrativa
Comunicação/ relato	Na perspectiva da pergunta, me ocorre que somente a partir das narrativas da pessoa em questão, é possível encontrar <u>caminhos discursivos</u> cuja empatia se manifeste. Mesmo assim, alguns <u>apontamentos</u> parecem relevantes e servem de alerta no que diz respeito a repetição de clichês religiosos, “motivacionais” e principalmente exemplos superficiais do quanto a vida é bela, até porque, estas intervenções passeiam com desenvoltura pelas redes sociais e <u>publicações</u> de autoajuda. Me arrisco a dizer que esta prática contínua da automutilação é algo que transborda em momentos solitários, então infiro que a pessoa queira ouvir algo que dê significado à sua existência não como uma <u>receita pronta</u> , mas como algo que transcenda o simples <u>discurso</u> onde o amor, a confiança e a empatia sejam o fio condutor que faça com que as <u>palavras</u> tenham eco naqueles momentos angustiantes e solitários cujos objetos cortantes e incendiários se tornam opção terapêutica ante o sofrimento.

Quadro 6 - Narrativa individual 5

Unidade Temática	Narrativa
Escuta	Não sei se consigo dizer o que ela gostaria de <u>ouvir</u> ... penso que talvez <u>escutá-la</u> seja o caminho adequado nessa situação. Porque para poder saber o que ela gostaria de <u>ouvir</u> , eu deveria <u>escutar</u> o que ela tem a dizer sobre o que está passando
Ajuda	e oferecer um <u>apoio</u> . Acredito que só minha presença de forma a <u>acolher</u> a dor daquela pessoa já seria algo que poderia <u>ajudá-la</u> , demonstrando que não estou ali para julgá-la, mas para se colocar como rede de <u>apoio</u> e <u>acolhimento</u> para a dor dela.

Quadro 7 - Narrativa individual 6

Unidade Temática	Narrativa
Comunicação/relato	Acredito que ela gostaria de <u>conversar</u> livremente, <u>falar</u> dos acasos da vida, tanto eu quanto ela. <u>Falar</u> o quanto nossas vidas mudam rapidamente, a forma como nos decepcionamos com os planos mal sucedidos, o quanto colocamos nossas expectativas em algo ou alguém e do dia para a noite tudo muda sem fazer o mínimo de sentido. <u>Conversar</u> , apenas <u>conversar</u> sobre a vida,
Situação	para a pessoa reconhecer que em algum ponto temos algo em comum, talvez não nas <u>experiências</u> e <u>situações</u> da vida, até porque a forma que ela interpreta e lida com alguma <u>situação</u> , a intensidade que ela passa por algum <u>acontecimento</u> não é igual a mim, mas no fato de sermos humanos e estarmos neste mesmo planeta.
Não identificado	Com isso, poderíamos dar risadas das perturbações do mundo, dos caminhos tortos que do nada a gente passa e do horizonte à frente que não conseguimos enxergar. Infelizmente só nos resta o agora, esse momento de conversa com alguém que tem uma história que eu não conheço, mas eu bateria palmas por ela ter chegado e aguentado até aqui.
Solução	Nessa conversa tentaria encontrar com ela alguma <u>solução</u> , <u>alternativas</u> para o fim disso, <u>ajudá-la</u> a se encontrar, porque quem não está perdido nesse <u>caminho da vida</u> ? Há outras <u>portas</u> para passar, outros <u>caminhos</u> para andar, apesar desse que ela está trilhando parecer sem fim, em algum momento, com persistência as coisas podem melhorar. Sim, podem! E para <u>mudar</u> depende de nós.

Ressignificar	Há sempre a possibilidade de aprender as diversas formas de se lidar com a vida, de construir esse caminho, <u>ressignificando</u> , se <u>refazendo</u> . Há caminhos melhores! Somos eternos aprendizes. Talvez as coisas não melhorem, mas a forma como você olha para todo esse caos dentro e fora de você pode <u>ser diferente</u> e você pode <u>ressignificar</u> isso.
---------------	---

Quadro 8 - Narrativa individual 7

Unidade Temática	Narrativa
Exteriorizar	Para discutirmos sobre esta questão, precisamos voltar ao porquê de automutilar-se. Ao meu entender, a automutilação pode ser uma tentativa de <u>exteriorizar</u> uma dor interna, <u>dar sentido</u> a mesma, ou seja, <u>torná-la palpável</u> .
Canalizar	Mas também pode ser, seguindo um conceito freudiano, uma forma de <u>sublimação</u> , que é um dos maiores mecanismos de defesa. Os estímulos recebidos são <u>canalizados</u> , <u>direcionados</u> e <u>descarregados</u> a outro lugar, a fim de <u>diminuir a tensão</u> e a tristeza. Então, pela minha perspectiva, pessoas que praticam automutilação querem <u>apaziguar</u> as dores, principalmente as internas.

Quadro 9 - Narrativa individual 8

Unidade Temática	Narrativa
Comunicação/ relato	Primeiro quero que <u>saiba</u> que <u>compreendo</u> , de verdade, tudo o que você sente. <u>Sei</u> que pode ter vivenciado momentos que nunca serão esquecidos. <u>Sei</u> que muitas vezes você achou, que por falta de <u>demonstração</u> , não é importante e/ou amado por seus amigos e familiares. <u>Sei</u> que faltam <u>palavras</u> para que você <u>expresse</u> o que sente.
Não identificado	Sei que tudo começou com um arranhão que te fez esquecer um aborrecimento naquele dia, mas que de tanto fazer, você acabou crendo que era um "santo remédio". E se eu te disser que esse momento irá passar, mas que essas cicatrizes (que vão ficar cada dia maiores) ficarão? Eu sei que você acha que pode simplesmente parar, que tem o controle, mas não tem. Quando sentir-se pronto (a) para obter ajuda, tente conversar com alguém próximo ou psicólogo.
Comunicação/ relato	Não sabe como <u>falar</u> ? Tente <u>falar</u> sobre seus sentimentos, o que acontece pra te levar a fazer isso. Tente se <u>expressar</u> de outra maneira: <u>escrevendo</u> , <u>desenhando</u> , <u>pintando</u> , algo que goste.
Não identificado	A dor que você sente é real, eu sei, mas você conseguirá resignificá-la, um dia por vez. Deixo aqui o meu abraço forte e acolhedor.

Quadro 10 - Narrativa individual 9

Unidade Temática	Narrativa
Julgamento	Acredito que uma das questões mais determinantes para quem pratica a automutilação ainda é o <u>preconceito</u> social, expresso nas falas, de pensar nessa ação como uma forma única de <u>chamar a atenção</u> . Portanto, primariamente, é necessário um posicionamento que se distancie do <u>juízo</u> associado à uma escuta empática, objetivando uma conversa sem tensionamentos além dos já expostos.
Não identificado	Então, penso que alguém com essa prática espera ouvir palavras de acolhimento ao seu sentimento, uma vez que ela mesma não saiba onde colocar sua dor.
Solução	Falas que aproximem a pessoa e não <u>soluções</u> práticas para <u>solucionar</u> o problema em questão. Tendo em vista que foi através da automutilação que essa pessoa desenvolveu sua forma de <u>lidar</u>
Sentimento	com seus <u>sentimentos</u> , <u>medos</u> , <u>frustrações</u> , é fundamental respeito pela <u>dor</u> que esta <u>sente</u> .

Quadro 11 - Narrativa individual 10

Unidade Temática	Narrativa
Não identificado	Ela gostaria de ouvir que é importante, que além de mim, alguém se importa com a dor dela. Que não vale a pena se machucar que procurasse ajuda médica pois existe tratamento.
Sentimento	Porque a pessoa deve está <u>sentindo rejeição</u> . Deve está <u>precisando</u> ouvir <u>elogios</u> , alguém <u>reconhecer</u> suas habilidades e fazer com que ela se <u>sinta</u> parte da família e amigos. Fazer com que ela <u>sinta</u> viva, <u>amada</u> e <u>aceita</u> . Pois se a sua <u>dor</u> for grande, maior seria a minha amizade para ajudar.

Quadro 12 - Narrativa individual 11

Unidade Temática	Narrativa
Saída	Eu acho que uma pessoa que pratica automutilação gostaria de ouvir que há uma <u>saída</u> . Não vejo que um conselho, um elogio ou alguma distração seja capaz de <u>resolver</u> o problema, mas sim informar e reforçar algumas coisas que a pessoa não saiba, ou que prefira não enxergar. Por essa razão, eu diria que existe uma <u>saída</u> e

Não identificado	que ela não está sozinha para encontrá-la, reforçaria a minha presença e minha escuta como um lugar de segurança, onde não há julgamentos e ela estará livre para falar sobre o que
Sentimento	se <u>sentir confortável</u> , pois acredito que essas pessoas não querem se <u>sentir</u> mais julgadas do que provavelmente já se <u>sentem</u> por elas mesmas. Ademais, admito que essa ausência de representações verbais para dizer o que se <u>sente</u> ,
Solução	essa lacuna na linguagem, levaria ela a acreditar que a única <u>solução</u> para a preencher essa falta, para tratar sua angústia, seria a autolesão. Então, acho que ela gostaria de ouvir que essa não é a <u>solução</u> e que existe alguém que pode facilitar seu <u>caminho</u> para a cura.

Quadro 13 - Narrativa individual 12

Unidade Temática	Narrativa
Não identificado	Se eu tivesse a oportunidade de conversar com uma pessoa que pratica automutilação, eu não sei o que ela gostaria de ouvir. Talvez, só por eu saber, se eu soubesse, ela se sentisse acuada porque aquele ato que ela praticava sozinha,
Exposição	que ela escondia por baixo de mangas longas no verão, agora estava <u>exposto</u> . Agora uma parte machucada dela estava <u>exposta</u> . E acredito que, por si só, seria uma barreira a ser superada, tenha ela contado, decidido <u>mostrar</u> ou me deixado <u>descobrir</u> .
Escuta	Mas eu não sei o que ela gostaria de <u>ouvir</u> , <u>ouvir</u> por si só talvez já seja suficiente. E, quando eu <u>ouvir</u> ,
Não identificado	ela vai entender que não está mais sozinha e essa pessoa vai se sentir abraçada, e não definida
Sofrimento	pelo <u>sofrimento</u> ou <u>menosprezada</u> por conta dele. Só que nem sempre a gente sabe as coisas. Nem sempre a gente pode dizer algo. A gente não tem como saber o quanto a simples data de um aniversário para mim pode reviver <u>traumas</u> e <u>sofrimentos</u> passados para ela, que se sente só...
Não identificado	Nas discussões da primeira oficina, dentre as várias contribuições, foi colocado que a automutilação é um refúgio; uma forma de reganhar controle sobre a vida;
Culpa	uma forma de transformar em ação o que não se consegue colocar em palavras; um alívio e uma <u>culpa</u> . Acho que, pensando nisso, na oportunidade de conversar com alguém que pratica a automutilação - sem impor <u>estigmas</u> ou reforçar a <u>culpa</u> , mas sendo empático -, ela gostaria de ouvir por entre quaisquer palavras que não está sendo <u>julgada</u> , que não está sozinha e que a lâmina não é a única amiga dela.

Não identificado	Eu iria querer que ela soubesse que as pessoas se importam. Tem momentos que pessoas como ela, que carregam tamanho sofrimento podem se sentir um peso na vida daqueles que estão mais próximos. Podem se sentir menores ou um atraso em algum nível. Podem não entender o que fazem e porque fazem em um nível mais profundo e não conseguir explicar.
Sentir mal	Podem se <u>sentir mal</u> por se <u>sentir mal</u> e preocupar a família e os amigos. É essa pressão sobre ela que eu iria querer manter longe da nossa conversa. Então, eu gostaria de ouvir o que ela se <u>sentisse</u> à vontade para
Comunicação/ relato	<u>compartilhar</u> , mesmo que ela não conseguisse <u>dizer</u> nada, mas que ela percebesse que pode ser ouvida. Acredito que, por ser tudo de alguma forma tão claustrofóbico, conturbado e sem muitas válvulas de escape, essa <u>conversa</u> pode abrir uma passagem. São feridas muito profundas para serem curadas com apenas uma <u>conversa</u> , eu <u>entendo</u> . Mas o “por quê” desta <u>pergunta</u> se <u>responde</u> , acredito eu, com a oportunidade de
Olhar/enxergar	se <u>ver</u> nos <u>olhos</u> do outro. Quando alguém te <u>olha</u> com empatia e estende a mão no lugar de virar as costas, você se <u>enxerga</u> nisso também. Se alguém te escuta e te deixa contar sua história, você entra em contato com essas emoções, mas as deixa escoar por outra via. Então, se alguém verdadeiramente te <u>enxerga</u> como a pessoa que você é,
Reconhecimento	você percebe isso também, você entende que existem outras possibilidades e que você é <u>amado</u> , você <u>reconhece</u> no gesto o seu <u>valor</u> . Não sei se essa conversa interromperia o ciclo de automutilação, mas eu sei que a partir de conversas é possível a pessoa <u>renovar</u> as esperanças nela mesma, e ter esperança é o primeiro e único passo.

Quadro 14 - Narrativa individual 13

Unidade Temática	Narrativa
Acolher	Caso a pessoa não se sinta confortável de falar, apenas ser <u>acolhida</u> , ter alguém para <u>ficar perto</u> sem julgá-la ou condená-la por fazer isso. Acredito que palavras como: ninguém faz ideia do que você está passando ou passou, mas estou aqui para ser um <u>apoio</u> nesse momento.

Comunicação /relato	Mas para dar caminhos a essa <u>conversa</u> , eu provavelmente <u>perguntaria</u> coisas simples sobre ela e sobre sua rotina: “Como você está?”, “quem é você?”, “quais seus hobbies?”, “Como é a sua relação com amigos e família?”. Tentaria <u>compartilhar</u> com ela as minhas <u>respostas</u> para essas mesmas <u>perguntas</u> , tentando proporcionar uma <u>conversa</u> fluida e estabelecer um vínculo primeiro de identificação e confiança. A partir desses direcionamentos, tentaria <u>compartilhar</u> um pouco sobre meus <u>posicionamentos</u> e experiências sobre qualquer assunto que pudesse aparecer durante o <u>diálogo</u> , mas estaria mais preocupado em ouvir os dela e apenas <u>comentar</u> qualquer aleatoriedade coerente com a situação para manter uma dinâmica. Por mais que eu ainda não conheça as técnicas dentro da Psicologia, eu entendo que a escuta é uma ferramenta muito importante para que o indivíduo possa aliviar algumas tensões e <u>confrontar</u> algumas questões que possam trazer algum sofrimento. Caso houvesse a oportunidade, com cuidado e respeitando a delicadeza do teor da <u>conversa</u> , tentaria <u>conversar</u> um pouco sobre a importância do papel do psicólogo na sociedade como um todo,
Não identificado	tentando desmistificar a ideia equivocada do senso comum de que psicólogo é lugar pra pessoas fracas, problemáticas, etc. Como citei anteriormente, acho muito mais importante considerar ouvir o que essa pessoa tem a dizer, ouvir suas questões com amor, empatia e respeito.

Quadro 15 - Narrativa individual 14

Unidade Temática	Narrativa
Acolher	Acredito que ela gostaria de ser <u>ouvida</u> a respeito das questões relacionadas a essa prática. Caso a pessoa não se sinta confortável de falar, apenas ser <u>acolhida</u> , ter alguém para <u>ficar perto</u> ,
Julgamento	sem <u>julgá-la</u> ou <u>condená-la</u> por fazer isso. Acredito que palavras como: ninguém faz ideia do que você está passando ou passou, mas estou aqui para ser um apoio nesse momento. Porque a pessoa está passando por um momento de angústia e, se fossem ditas coisas como “é só uma fase”, “você quer <u>chamar atenção</u> ”, “isso é <u>pecado</u> ”, “mas você é tão bonita, faça isso não” não ajudaria muito, talvez fizesse a pessoa se sentir pior.

Quadro 16 - Narrativa individual 15

Unidade Temática	Narrativa
Não identificado	Em primeiro lugar, tendo em vista que vivemos em uma sociedade marcada por uma demanda muito grande no que diz respeito à necessidade de falar, o melhor começo seria se dispor a ouvir.

Crianças\ Adolescentes	Ao restringir o <u>público</u> que pratica a automutilação a <u>crianças</u> e <u>adolescentes</u> , isso fica ainda mais evidente, pois é comum um sistema familiar que não valoriza a <u>criança</u> , suas opiniões e suas falas;
Não identificado	um sistema educacional focado em transmitir conhecimento, e não mediar tal processo e um corpo social, em geral, que se expressa pelo individualismo.
Sufrimento	Todo esse cenário abre espaço para uma <u>angústia</u> se originar e crescer dentro do indivíduo, sendo o alívio desse <u>sofrimento</u> , muitas vezes, a causa do <u>ferir-se</u> .
Não identificado	Ao perceber que se está em um lugar seguro, com pessoas que realmente estão dispostas a escutar com atenção, o processo fica mais fácil.
Motivos	Seria interessante conversar sobre os <u>motivos</u> que levam aquele jovem a fazer isso, já que são muitos (<u>autopunição</u> , <u>angústia</u> intensa, <u>tendência suicida</u> , fatores culturais, etc.).
Reflexão	É importante que a postura seja sempre de receptividade e de não julgamento, para não acuar a pessoa. Outra coisa que poderia ser dita, com o fato de gerar uma <u>reflexão</u> sobre essa prática, que muitas vezes não é <u>pensada</u> , seria a pergunta: Isso acaba com a dor que você sente? Certamente o praticante iria <u>refletir</u> e <u>chegar à conclusão</u> de que a dor é aliviada, mas sempre volta em algum momento.
Não identificado	A partir disso, fica mais evidente que para melhorar essa angústia, tornam-se necessários outros meios que não este “paliativo”, sendo a terapia, um dos maiores. Em muitos casos, a pessoa que pratica a automutilação pode se sentir inferiorizada e não pertencente à sociedade, então também é importante trabalhar a perspectiva que ela tem sobre si própria.
Comunicação/ relato	Em um contexto em que toda <u>comunicação</u> em sua vida é focada em cobranças, críticas e faltas, oferecer <u>palavras</u> que desconstruam essa <u>ideia</u> já ajuda muito, pois, às vezes, aquele indivíduo só precisa ouvir alguém <u>dizendo</u> que ele é importante, que sua vida tem significado e
Sufrimento	que toda a <u>realidade opressora</u> pode mudar em um piscar de olhos. Como todo paliativo, esse processo acaba viciando, dentro de uma lógica de que é mais rápido fazer algo que alivie a <u>dor</u> neste momento, do que tratar a causa de todo o <u>sofrimento</u> .
Punição/ Culpa	Em casos em que se <u>inflige dor</u> como <u>punição</u> , vale fazer a pessoa se questionar do porquê ela precisa ser <u>punida</u> por cometer erros, se tais erros não escapam da natureza do ser humano; por se sentir <u>culpada</u> , se, muitas vezes, não é sua <u>culpa</u> ou não é algo que estivesse sob seu controle.

Soluções alternativas	Oferecer <u>soluções alternativas</u> , tais como: descarregar a “energia de angústia” em <u>práticas esportivas</u> , ou expressá-la em <u>artes</u> ; também seria muito produtivo, visto que em muitos casos, a pessoa não enxerga outra <u>solução</u> para aquela dor, por sua mente já estar num processo muito conturbado que não a deixa raciocinar perfeitamente. Por fim, também seria interessante focar em perspectivas futuras do indivíduo, como, por exemplo, seus <u>sonhos pessoais</u> , <u>aspirações profissionais</u> , etc.
Diálogo	Através desse percurso, cria-se um pensamento de “eu terei um futuro”, em mentes que nem sequer acreditam que isso vai acontecer. Em suma, a essência do <u>diálogo</u> , em minha perspectiva, seria embasada em acolhimento, escuta e <u>perguntas</u> que provocassem uma reflexão <u>crítica</u> sobre o que está sendo feito, já que, como <u>dito</u> , muitos nem elaboram/organizam essa ação, apenas a cometem.

Quadro 17 - Narrativa coletiva 16 (Passado)

Unidade Temática	Narrativa
Solidão	Quando eu era pequena, aos 12 anos. Alguma forma, depois que eu <u>chorava sozinha</u> no quarto, eu me sentia melhor. As poucas pessoas que perceberam a minha mudança perguntavam o porquê de tudo aquilo, mas muitas vezes, nem eu entendia. Eu só sabia que precisava colocar para fora aquele <u>turbilhão de coisas</u> que estavam me <u>angustiado</u> . Eu achava que poderia lidar com tudo <u>sozinha</u> .
Tempo	num <u>dia</u> , depois de um <u>tempo</u> difícil eu acordei e não quis sair da cama. Não suportava mais ser obrigada a ir, <u>dia após dia</u> , a um lugar com o qual não me identificava, para encontrar pessoas que me maltratavam. Eu não lembro o exato <u>dia</u> em que tudo começou, antes eram apenas algumas vezes no <u>mês</u> e, aos poucos, essa angústia passou a me consumir cada vez mais e, quando eu vi, já eram <u>todos os dias</u> da minha <u>rotina</u> com o mesmo
Não identificado	cansaço, a mesma falta de vontade e a mesma tristeza que parecia interminável. Esse foi o meu jeito de lidar com ele. Algo em mim sabia que era errado, que eu não devia, eu não queria levantar perguntas, não queria que me vissem assim. Até que as coisas pioraram.
Sentimento	Um certo dia, sem saber ao certo o que estava <u>sentindo</u> , me vi sem saídas, sem chão e ainda no meu quarto, <u>chorando</u> , <u>sozinha</u> , <u>sentí</u> que não conseguiria continuar com aquilo sem que tudo piorasse.
Dor/ machucar	Eu só precisava fazer algo, amenizar a <u>dor</u> que estava sentindo, então me <u>machuquei</u> , me <u>machuquei</u> porque era melhor sentir aquela <u>dor</u> física do que a <u>dor</u> que estava sentindo dentro de mim.

Ajuda	Mas depois de um tempo percebi que precisava buscar <u>ajuda</u> . Nada mais fazia sentido para mim, todos aqueles pensamentos me faziam sentir que as coisas não iriam mais <u>melhorar</u> . Estava muito triste. Pouco a pouco não podia mais esconder as marcas físicas e psicológicas que estavam ficando em mim, mas onde eu encontraria <u>ajuda</u> ?
Comunicação /relato	Apesar de algumas pessoas ainda me <u>perguntarem</u> o que estava acontecendo, eu sentia que não era uma preocupação sincera e acabava <u>respondendo</u> sempre com um falso “está tudo bem”, mas não, não estava bem e já fazia um tempo. Outras pessoas vinham até mim, <u>falando</u> que queriam me ajudar, mas parecia mais que elas usavam meu sofrimento como uma forma de se sentirem bem, ou querendo competir, porque <u>afirmavam</u> que já passaram por situações piores e não precisaram fazer o que eu fiz.
Compreender/ entender	Essas pessoas jamais poderiam me <u>compreender</u> . Fiquei ainda pior quando me senti <u>comparada</u> . Foi aí então que decidi que queria procurar uma ajuda profissional, já que eu mesma não conseguia dar conta de me <u>entender</u> .
Comunicação /relato	Mas eu precisava <u>falar</u> com meus pais, só que eu não sabia como poderia alcançá-los. Desde sempre, nunca <u>falávamos</u> diretamente sobre isso. Quando ficou óbvio, quando eu piorei, eles ficaram ainda mais distantes. Além disso, eu ficava me <u>perguntando</u> ,
Não identificado	quando eu conseguir a ajuda profissional, será que todas as minhas questões seriam resolvidas? E se nada acontecer e eu ficar parada no mesmo lugar? Confesso que fiquei apreensiva, pois não sabia como seria ou como meus pais reagiriam à essa notícia.
Julgamento	Mas mesmo assim resolvi tentar, pois já não aguentava mais. Tive medo do <u>juízo</u> , será que eles achariam que eu tava querendo <u>chamar atenção</u> , que era um <u>problema de adolescente</u> ou então que era só uma <u>fase</u> e que teriam de esperar que passava?
Sufrimento	Aquilo me prendeu por dias e a <u>ansiedade</u> e <u>angústia</u> só me <u>machucavam</u> mais.
Confiança	Será que terei o apoio da minha família? Estava muito confusa, não sabia muito bem o que fazer, então decidi falar com uma amiga de <u>confiança</u> , talvez ela pudesse me ajudar de alguma forma. <u>Confidenciou</u> tudo a ela, ela me ouviu e me <u>aconselhou</u> a realmente buscar ajuda. Não conseguia ainda chegar aos meus pais e acabei encontrando um grupo no Facebook em que muitas pessoas <u>compartilhavam</u> suas experiências diante dessa situação, me senti acolhida lá, mas mesmo assim não era a solução de tudo o que eu estava sentindo e passando. Conte para os meus pais e eles disseram que me levariam para a igreja para o pastor orar por mim.

Quadro 18 - Narrativa coletiva 17 (Presente)

Unidade Temática	Narrativa
Olhar	Todos os dias eu me <u>olho</u> no <u>espelho</u> , <u>olho</u> para os meus braços, <u>olho</u> em cada parte que eu escondo com grandes vestes e me pego pensando: como eu cheguei nesse ponto?
Sentimento	Me <u>sinto</u> cansada de tentar mudar isso em mim, mas ao mesmo tempo não tenho controle dos meus próprios “instintos”. É que às vezes é um <u>impulso</u> mais forte do que eu, uma última e única saída para uma <u>tristeza</u> que não sei lidar. Apesar de ter conversado com meus pais, a situação não teve uma grande melhora, a forma que eles tentaram lidar com isso só vem piorando como eu me <u>sinto</u> .
Julgamento	Procuro não sair de casa, prefiro ficar aqui mesmo onde estou, sozinha, as pessoas não entendem, fazem perguntas sem sentido, me <u>julgam</u> , isso só piora. Com isso, sinto que estou chegando ao fundo do poço, mas como pedir ajuda se olho pra um lado e outro e não vejo ninguém que consiga me tirar daqui? Me sinto cada dia pior, cada dia mais <u>culpada</u> por estar me maltratando, cada vez mais sem saída. Tenho medo de chegar a um ponto no qual eu não consiga mais sair de casa, de tanto que os <u>juízos</u> me afetam;
Não identificado	sempre existe alguém para piorar a situação, mas dificilmente para ajudar. Minha mãe e minha amiga sabem que eu faço isso, ficam preocupadas e pedindo para ver o meu corpo. Ficam me vigiando e isso só aumenta minha angústia. Então prefiro ficar mais no meu quarto lendo algum livro, o que não entendem é que de alguma forma, isto alivia minha dor, é a única maneira que encontrei para não fazer algo pior... Mas estou tão cansada de tudo isso que às vezes penso em dar um fim a tudo.
Filme de terror	Eu só quero que essa repetição acabe, me sinto em um <u>filme de terror</u> sem final, em que eu sou meu próprio <u>monstro</u> , meu próprio <u>fantasma</u> , minha própria <u>maldição</u> . Eu sou aquela que me machuco, que tento me pôr um fim. Aquela da qual eu queria poder me esconder para não ser atacada. Procuro ocupar sempre a mente para não cair nas minhas próprias <u>armadilhas</u> .
Comunicação /conversa	Hoje, por exemplo, decidi <u>encontrar alguém</u> para <u>conversar</u> um pouco, me distrair, jogar algum jogo, mas só de pensar que isso exige que eu entre em <u>contato com pessoas</u> que podem me machucar, desisti.
Igreja	Eu estou gostando de participar do <u>coral</u> da <u>igreja</u> , também, parece que <u>cantar</u> me ajuda e deixa meus pais menos esquisitos perto de mim.

Não identificado	Nenhum dos meus novos “amigos” sabem o que eu passo, mas não acho que eles iriam entender também. Ao menos as conversas são mais leves assim. Pelo menos agora eu consigo me sentir mais tranquila em algum ambiente, apesar de ainda não me sentir bem dentro de mim. Quero melhorar, mas não sei como conseguir isso. É um turbilhão de sentimentos e pensamentos que fazem parte do meu dia a dia, me perdi em mim mesma, tem sido difícil encontrar alguma forma de me organizar. Os pensamentos me perseguem e conseguem tirar até meu sono. Mas perto dos colegas da igreja, sou a que mais faz brincadeiras. Eles parecem gostar dessa eu. Mal sabem eles, o que tenho por dentro. Em raros momentos, tenho a sensação de que sou capaz de superar tudo isso, mas essa sensação tem prazo de validade curto e, logo depois, tudo volta a desmoronar. Eu me sinto vivendo numa montanha-russa e tudo o que eu queria era descer, mas como não consigo sozinha, machuco meu corpo...
Igreja	É como se isso me desse pelo menos uma pausa. Não tenho vontade de fazer nada. Sabe... outro dia no <u>coral</u> da <u>igreja</u> , eu conheci uma garota que tinha várias marcas no braço, e me disse que superou a automutilação dela, fiquei surpresa! Será? ela me contou do nada, será que é uma saída pra mim? Ela então falou que foi aconselhada pelo <u>pastor</u> a buscar terapia, entrou na medicação e saiu.
Não identificada	Me animei calada sem dizer pra ela nada. cheguei em casa falei para meus pais. Quero minha vida de volta, fazer coisas simples, como ir a praia, é um pesadelo, gosto de uma pessoa, mas só de pensar em ser rejeitada, desisto... Agora vendo a superação dessa menina um ponto de esperança surge dentro de mim.

Quadro 19 - Narrativa coletiva 18 (Futuro)

Unidade Temática	Narrativa
Tratamento	Terei esperança para mim, pois conheci que tem <u>tratamento</u> em <u>terapia</u> e <u>medicações</u> . Porém, algumas vezes, ainda me bate uma insegurança e eu passo a acreditar que, talvez, isso sempre fará parte de mim, que nunca vou estar, de fato, em paz ou que encontrarei uma forma de me <u>curar</u> .
Superar	Quando nos dias bons, consigo me enxergar, anos no futuro, me dedicando à música e à arte, de alguma forma mais leve. Talvez um dia eu consiga <u>superar</u> isso, talvez eu consiga <u>seguir em frente</u> e isso fique no passado, mas sei que será uma longa caminhada e que não será fácil, não se eu <u>enfrentar</u> sozinha.
Marcas corporais	Outra coisa que me deixa bastante insegura sobre meu futuro: é como lidarei com as <u>marcas</u> dessa guerra (<u>cicatrices</u>), como enfrentarei os olhares e julgamentos, mas acredito que vou me sair bem, preciso acreditar nisso. Às vezes penso que não conseguirei parar e meu corpo ficará com ainda mais <u>marcas</u> , até que ele não aguentar mais, não tenha mais espaço.

Não identificado	Apesar dessas incertezas, penso em seguir a vida de maneira mais “normal” possível. Quero me dedicar aos meus estudos e futuramente ter uma independência. Talvez, se eu conseguir me desligar dessa minha história, eu consiga ser diferente. Para isso preciso de ajuda, e vou buscar apoio de um/a profissional para tentar compreender melhor o que se passa comigo, pois sei que isso não me define e, apesar de saber que ainda existirão alguns altos e baixos no meu caminho, quero acreditar que serei capaz de vencer tudo isso. Vou conseguir! Tenho que conseguir! Poderei, quem sabe, me relacionar melhor com todos ao meu redor, aproveitar melhor meus amigos e minha família, só eu sei o quanto me dói ser assim... distante. As coisas serão melhores, eu acredito!
Futuro	Quem sabe eu <u>poderei</u> arrumar um namoradinho e sair mais vezes ao cinema, praia, tomar sorvete e ser feliz. Independente de tudo, meu maior objetivo <u>será</u> tentar fazer as pazes com minhas <u>incertezas</u> que me geram tantas <u>preocupações</u> sobre meu <u>futuro</u> . “O que vou fazer?”, “Como vou estar?” “Será que vai ficar tudo bem?” Não sei, mas <u>pretendo</u> começar a me olhar com calma, com tranquilidade. Quero me preocupar com as coisas do <u>futuro</u> no <u>futuro</u> , porque sei que virão mais pontos altos e que eu finalmente vou conseguir recuperar o controle da minha vida e recuperar esse controle é o que mais eu necessito,
Medo	ser quem eu sou sem <u>medo</u> de julgamentos, sem <u>medo</u> de ser feliz e sem <u>medo</u> de sentir que não pertencço ao mundo que estou,
Não identificado	me colocando no centro do meu mundo onde tudo o que posso fazer para ser feliz eu consiga fazer e ter plena certeza que sempre darei o meu máximo por mim e pelo que eu quero. Quero poder um dia ajudar outras pessoas, que assim como eu, em algum momento passaram por situações semelhantes a minha, mas espero antes poder estar melhor.
Cobrança	Espero também que meus pais parem de <u>pegar no meu pé</u> por causa disso. Espero ser levada a sério. Mas apesar dessa <u>cobrança</u> toda me <u>sufocar</u> , sei que eles querem o melhor para mim, mas ao mesmo tempo só quero <u>um pouco de paz</u> .
Vida/ História	Isso só fortalece minha vontade de seguir minha <u>vida</u> . E vou seguindo, me respeitando e olhando com carinho para mim mesma entendendo que o que passei faz parte da minha <u>história</u> e não preciso sentir vergonha disso, pois sei que o sofrimento é inerente à <u>vida</u> e aquele foi o modo que eu tinha para lidar com minha dor, mas agora me sinto melhor e penso em construir <u>novos modos de ser e estar no mundo</u> , tentando entender melhor o que sinto.
Alegria	Quero apenas voltar a ser um pouco a pessoa que eu era antes disso, <u>alegre</u> , <u>feliz</u> . Quero ter mais <u>leveza</u> e poder aproveitar tudo que a vida tem para oferecer de bom.

5.2 Frequências das unidades temáticas (Passado, presente e futuro):

No que se refere às frequências das unidades temáticas nos três tempos (que estão melhor detalhadas no Apêndice B) na narrativa coletiva do passado o tema que mais se sobressaiu foi comunicação/relato. Já nas narrativas individuais (presente) os temas mais frequentes foram: comunicação/relato, sofrimento e julgamento. Na narrativa coletiva do presente foi igreja e na coletiva do futuro não houve repetição de temas, pois todos só apareceram apenas uma vez.

5.3 Agrupamento das unidades temáticas por campo semântico nos tempos passado, presente e futuro:

Argumentamos aqui que a estratégia metodológica de agrupar as unidades temáticas por campo semântico em nossa análise teve como fundamento os pressupostos epistemológicos dos autores *Stephen Ullmann (1964)*, *Mikhail Bakhtin (1988)*, e de *Émile Benveniste (2006)*. Apropriamo-nos da concepção de Ullmann (1964), a partir de sua teoria dos campos. O autor conceitua campo semântico como um conjunto de palavras que estão fortemente entrelaçadas, de tal modo que cada vocábulo contribui para a delimitação dos demais, ao mesmo tempo em que também é delimitado por eles. Além disso, o autor sustenta que esse campo de significação à qual pertence uma palavra ou grupo de palavras é influenciado pelas ideias e valores da cultura da qual fazem parte e que, ao mesmo tempo em que é responsável também por transmitir às gerações vindouras uma análise prévia da experiência por meio da qual o mundo é visto, essa análise passa por processos de transformação com o passar do tempo, podendo ser refeita na medida em que se torna antiquada.

De Bakhtin (1988) ancoramo-nos nas discussões sobre a relação entre tema, sentido e significação e de que toda argumentação discursiva tem por base a atribuição de valor. Finalmente, assumimos o argumento de Benveniste (2006) que contrasta a semântica da enunciação com a semântica das palavras, ao mesmo tempo em que faz um contraponto com a semiótica, afirmando que:

O nível semiótico é isto: ser reconhecido como tendo ou não um sentido. Isto se define por sim, não [...]. A semântica é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo [...] (BENVENISTE, 2006, p. 21).

De acordo com a autora as palavras nomeiam temas e são passíveis de apresentar ambiguidades e imprecisões. Conseqüentemente, sempre será possível fazer outras leituras e enquadramentos (BENVENISTE, 2006; CAETANO, 2015). Por analogia, isso significa que existe uma relação entre o objetivo do pesquisador e a forma como ele organiza o campo semântico, processo que é realizado de forma dinâmica.

O agrupamento por campo semântico realizado aqui teve o intuito de aproximar um maior número de unidades temáticas para observar a relação entre o tempo e a configuração dos temas de forma a responder ao objetivo desta pesquisa, que é investigar as implicações historiográficas na negociação de sentidos sobre automutilação nas narrativas analisadas aqui.

Quadro 24 – Campos semânticos da narrativa coletiva (Passado)

Campo semântico	Temas
Comunicação/relato	Compreender/entender
Julgamento	1. Dor/machucar; 2. Sofrimento; 3. Solidão
Confiança	1. Tempo; 2. Sentimento; 3. Ajuda

No que se refere à narrativa coletiva do passado, os dois campos semânticos que mais se sobressaíram foram comunicação\relato e julgamento. No caso de comunicação/relato destacamos que, apesar de todas as narrativas terem sido escritas pelos participantes no tempo presente, metodologicamente nós remetemos os participantes ao passado e ao futuro, ao solicitar-lhes que utilizassem esses tempos verbais (no passado e futuro). Observamos que a configuração desse campo semântico possui uma relação direta com ocorrências descritas na literatura sobre a história das práticas de automutilação.

Apesar da predominância do olhar biomédico sobre as práticas de automutilação, categorizando-as como desvios e patologias individuais, o fato de os estudantes remeterem-se à automutilação como uma forma de comunicação/relato, indica-nos que existem outros questionamentos e interpretações que incentivam novas discussões sobre esse assunto, como a atenção para os aspectos histórico-culturais.

Somos inclinados a interpretar que a incidência do tema comunicação/relato como indicou a nossa análise - pede providências à maior visibilidade sobre implicações a função mediadora da cultura e da linguagem nos processos psicológicos humanos, que não opera apenas a nível intrapsicológico, mas também interpsicológico, para as explicações sobre as experiências humanas nos casos das práticas de automutilação. Apontamos para expectativas

de explicações (futuras) sobre a dimensão semiótica do fenômeno da automutilação uma vez que essas práticas são manifestações que afetam tanto a pessoa praticante como toda a comunidade da qual ela faz parte, tendo em vista que se encontram intrinsecamente tecidas na teia da vida social (LOPES, 2012).

Corroborando com os autores acima, De Vilhena (2016) afirma que as origens das práticas de automutilação estão imbricadas às suas funções em ritos e tradições, sempre estando vinculadas a algum simbólico que lhes servia de marco e que, em alguns momentos, estavam relacionadas a movimentos políticos, a símbolos religiosos e/ou funcionando como ritos de passagem (principalmente da transição da adolescência para a vida adulta), e/ou como marcas que diferenciavam os membros de diferentes tribos e clãs, etc. Ou seja, o que estamos argumentando aqui é que, independentemente de qual seja o contexto em que essas práticas se apresentem, elas têm em comum o fato de não serem apenas marcas e cortes, uma vez que possuíam significados e sentidos (característicos de cada sociedade, cultura e período histórico).

A configuração, nos nossos resultados, do campo semântico juízo, interpretamos como marcas dos ensinamentos religiosos referenciados nas discussões sobre as práticas de automutilação na Idade Média e também discursos atuais difundidos por pesquisadores deste fenômeno. No que se refere aos ensinamentos religiosos, destacamos sinais do sentido de punição e penitências alinhados com o juízo divino (PALAU, 2007).

Outra interpretação para a incidência desse campo semântico (juízo) nas narrativas que analisamos são as discussões de Valsiner (2012) sobre a censura, como uma forma de regulação social de condutas. De acordo com o autor, a censura, em suas funções sociais objetivas, está presente em todas as sociedades e, no caso das pessoas que praticam automutilação, estas são alvo de julgamentos, como uma forma de barreira, que dificulta a busca por ajuda e alimenta o sentimento de culpa pelo seu próprio sofrimento/adoecimento. Interpretamos que juízo está para a censura, como reguladora de comportamentos sociais, uma vez que “(...) prescrições quanto ao modo de alguém se expressar [e as proibições sobre como não fazê-lo] estão na base da criação dos campos de sentir, pensar e se comunicar (...)” (VALSINER, 2012, p. 209).

Não podemos esquecer que o discurso biomédico não é neutro, pois corrobora, dentre outras coisas, para a estigmatização dessas pessoas, a quem são atribuídos desvios/peças morais inscritas no próprio corpo, tal como apontado por Goffman (2017) em seu clássico conceito de estigma. Esta representação do outro acaba por gerar discriminação e preconceito e criar barreiras à interação social. Ao imputar ao indivíduo exclusivamente a "culpa" pelas

autolesões se retira a responsabilidade social e ético-política pelas formas de organização e funcionamento das instituições e da comunidade nas quais está inserido.

Endossamos o argumento de Reis (2018) sobre a necessidade de ultrapassarmos o atual discurso moralista em torno dessas pessoas, julgando-as, para então conceber uma nova abordagem da automutilação a partir de um viés ético-político que pode, dentre outras formas, partir da indagação: “O que aquela pessoa, que é seu próprio corpo, quer nos comunicar?” (p. 142). Pensar nessas práticas como uma tentativa de comunicação e desvelamento do atual momento histórico implica no compromisso social de considerar cada pessoa que se automutila em sua realidade singular, condição indispensável para a compreensão das condições que suscitam as possibilidades de automutilação, distanciando-se das atitudes naturalizantes e acrílicas predominantes na maioria das pesquisas em torno deste fenômeno.

Todavia, destacamos que esses sentidos passaram por processos de transformação nas narrativas dos graduandos em Psicologia: o julgamento ao qual eles se remeteram não possuía o sentido de Juízo Final difundido na Idade Média, mas espelham características do racionalismo atual, referindo-se ao julgamento de seus semelhantes em um mundo marcado pela competição pela sobrevivência econômica e afetiva (REIS, 2018). Também é possível inferir a presença de uma culpa, como se a pessoa estivesse cometendo algum erro, tendo em vista que o parâmetro para esse tipo de juízo de valor não está fundamentado em dogmas, mas sim numa experiência social da ética dialógica.

Quadro 25 – Campos semânticos das narrativas individuais (Presente)

Campo semântico	Temas
Comunicação\relato	1. Escuta; 2. Exteriorizar; 3. Exposição; 4. Diálogo.
Julgamento	1. Culpa; 2. Sentir mal, 3. Punição/culpa.
Ajuda	1. Solução, 2. Acolher; 3. Reconhecimento; 4. Crianças/adolescentes; 5. Motivos; 6. Olhar/enxergar; 7. Soluções alternativas.
Ressignificar	1. Situação; 2. Canalizar; 3. Sentimento; 4. Sofrimento, 5. Saída; 6. Reflexão.

No tempo presente, tanto nas narrativas individuais quanto nas coletivas, observamos o predomínio dos mesmos campos semânticos: comunicação/relato e juízo. Na formulação de interpretações possíveis, resgatamos discussões de Vieira (2016) sobre a simultaneidade das experiências do passado e do futuro no presente. A autora se ancora na

concepção bakhtiniana de linguagem (BAKHTIN, 2003). Nesta concessão a linguagem é exercida com uma permanente tensão entre dois tipos de forças centrípetas e centrífugas. As centrípetas, que agem em prol da integração e coerência com experiências já conhecidas e se configuram no nível da relação entre resposta e sentido, caracterizando-se por uma maior vulnerabilidade e arbitrariedade para inovações ou descontinuidade. As forças centrífugas, agem em prol da inovação de experiências e se configuram no nível da relação entre sentido e historicidade, havendo, então, um maior apelo para a coerência e continuidade.

A autora sustenta que “[...] essa simultaneidade seja uma condição necessária para a historicidade enquanto parâmetro fundamental na análise da produção de sentidos e do seu impacto para o desenvolvimento humano” (VIEIRA, 2016, p. 188). Dessa forma, o funcionamento sistêmico entre historicidade e sentido pode então ser ilustrado nessa repetição dos campos semânticos comunicação/relato e julgamento nos tempos passado e presente. Nesse funcionamento, foi possível observar os sentidos sobre automutilação apontando na direção de um passado inacabado que se manifesta no presente.

Quadro 26 – Campos semânticos da narrativa coletiva (Presente)

Campo semântico	Temas
Comunicação/conversa	1. Olhar; 2. Igreja.
Julgamento	1. Sentimento; 2. Filme de terror.

Quadro 27 – Campos semânticos da narrativa coletiva (Futuro)

Campo semântico	Temas
Marcas corporais	1. Tratamento; 2. Superar.
Vida/história	1. Medo; 2. Cobrança; 3. Alegria.
Futuro	1. Futuro.

No caso da narrativa coletiva do futuro, os campos semânticos que se sobressaíram foram marcas corporais e vida/história. No que se refere às marcas corporais, observamos que aqui, a automutilação, apesar de ainda refletir a abordagem biomédica, de que é algo que precisa de tratamento\ajuda, também se contempla a possibilidade de ressignificá-la, demonstrando que houve mudanças na forma como os estudantes de Psicologia visualizaram este fenômeno no decorrer das oficinas. Inicialmente predominava a visão de que essas práticas eram uma

patologia permanente. Posteriormente como algo que muda, pois os fenômenos psicológicos passam por transformações, tendo em vista que “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança (...)” (VIGOTSKI, 2007, p. 68).

A presença do enfoque biomédico que se refletiu no campo semântico tratamento acaba invisibilizando os aspectos interpsicológico da automutilação. Concordamos com o posicionamento de Demantova (2020) de que numa dimensão psicossocial, essas práticas parecem estar denunciando as falhas de uma sociedade que supervaloriza a imagem presente numa cultura do bem-estar, em que todos precisam estar “equilibrados” e adaptados a todas às circunstâncias, ao mesmo tempo em que não se dá espaço para que possam sentir e muito menos falar sobre suas tristezas e angústias.

Além disso, quando se fala em tratamento da automutilação referenciamos a discussão proposta por Dettmer (2018) de que esse cuidado deve ser oferecido e não imposto, como tem acontecido na atualidade e que a sua abordagem e tratamento privilegiem, tal como defende Pérez de Plá (2011) e Ferreira Junior (2016), primeiramente os seres humanos que sofrem, em detrimento do foco na patologia\rótulo.

Também concordamos com Henriques (2018) que o tratamento/ajuda dessas pessoas precisa ir além da tentativa de extinguir essas práticas e/ou de apenas educar os jovens e orientar suas famílias. A autora sugere que sejam propostas novas abordagens para as práticas de automutilação, e que é preciso investigar os significados e sentidos desse fenômeno na história de vida das pessoas, pois a forma como é percebido por cada uma delas é diversa.

Nesse sentido, a narrativa do futuro apresentou marcas historiográficas que contemplam a pessoa que pratica automutilação não só em sua dimensão intrapsicológica, mas também interpsicológica, pois o tempo é uma marca da experiência humana que dá essa dimensão de que as coisas não são permanentes/estáticas. Isso mostra o papel do tempo nas nossas concepções e posicionamentos sobre as coisas do mundo; as características dos fenômenos, que se transformam à medida que o tempo histórico que estamos vivendo muda. Então, a automutilação é um fenômeno que se movimenta historicamente (VIEIRA, 2020), por isso a recomendação de Vigotski e Luria (1996, p. 220) de que “Não convém estudar o homem como uma criatura que permaneceu continuamente com as mesmas qualidades essenciais que adquiriu da natureza, mas como um ser que permanece em constante mudança”.

A configuração do campo semântico vida/história mostrou-nos que as narrativas dos estudantes também refletem uma materialidade histórica e dialética. Esse campo semântico sugere que, além de ser um fenômeno dinâmico, mutável, requer o reconhecimento de que a automutilação, assim como outras manifestações de violência, sempre estiveram presentes nas

histórias de vida das pessoas em diferentes tempos históricos, culturas, sociedades e que pesquisar sobre este tema é de grande relevância para a coletividade, tendo em vista que não é um fenômeno apenas individual e que os cortes/lesões não deixam marcas apenas no corpo da pessoa, mas também em sua história de vida (DETTMER, 2018).

5.4 Agrupamento geral das unidades temáticas por campo semântico:

Quadro 28 – Agrupamento geral das unidades temáticas por campo semântico

Campo semântico	Unidades Temáticas
Comunicação/relato/ Conversa	1. Escuta; 2. Exteriorizar; 3. Exposição; 4. Diálogo; 5. Compreender/entender.
Julgamento	1. Culpa; 2. Punição/culpa.
Sufrimento	1. Filme de terror; 2. Dor/machucar; 3. Marcas corporais; 4. Sentimento; 5. Sentir mal; 6. Solidão; 7. Confiança; 8. Medo; 9. Cobrança; 10. Alegria.
Ressignificar	1. Situação; 2. Canalizar; 3. Reflexão; 4. Superar; 5. Vida/história; 6. Futuro; 7. Tempo.
Soluções alternativas	1. Solução; 2. Saída.
Ajuda	1. Olhar/enxergar; 2. Acolher; 3. Crianças/adolescentes; 4. Motivos; 5. Igreja; 6. Reconhecimento; 7. Tratamento.

Com o agrupamento geral dos campos semânticos intencionamos a apresentação de uma síntese geral do que foi discutido até agora, para dar mais visibilidade a relação dos campos semânticos com a tomada de perspectiva do outro (empatia), que foi utilizada pelos pesquisadores como uma estratégia metodológica para poder explorar o que as pessoas pensam sobre as práticas de automutilação. Nessa perspectiva, abrimos a oportunidade para o enfoque nos aspectos interpsicológicos envolvidos nas práticas de automutilação, em contraste com explicações relacionadas com o modelo biomédico, que tem se caracterizado pelo foco isolado na dimensão intrapsicológica.

A partir dos nossos resultados, destacamos que a experiência de empatia refletiu a referência dos participantes aos processos comunicativos (indicados na incidência do campo semântico comunicação/relato). Isto é, a empatia esteve relacionada a reflexão sobre as relações interpessoais. A plausibilidade desse ponto de vista se sustenta, quando consideramos o medo do julgamento de outras pessoas, frequentemente mencionado nas narrativas dos estudantes.

Na nossa análise, o medo do julgamento de outras pessoas, aspecto relevante na caracterização do “agora” das concepções sobre automutilação, indicia que as pessoas que recorrem a essas práticas intensificam seus prejuízos ao ver-se impedidas para suas relações interpessoais, pelo receio das avaliações preconcebidas. Esse cenário leva-nos ao argumento sobre a necessidade da preparação de uma infraestrutura de afetos, conceitos e responsabilidade social para os ambientes institucionais nos quais as pessoas que recorrem a essas práticas circulam. Nas oficinas, focalizamos o ambiente das escolas e defendemos a importância de se preparar esses ambientes a partir de atividades que fomentem a empatia.

Nos nossos resultados, observamos que as atividades que desenvolvemos com o propósito de fomentar a empatia provocaram amplo impacto na produção/atualização de sentidos sobre as práticas de automutilação nas narrativas dos estudantes de Psicologia. Das quinze narrativas individuais que analisamos, dez envolveram alguma forma de negociação de sentidos sobre a relevância da empatia na interação com uma pessoa (indeterminada) que pratica automutilação.

Todavia, não afirmamos que a mera sinalização de que os estudantes refletiram sobre as atividades de fomento a empatia seja suficiente para a transformação social e responsabilidade ético-política que defendemos aqui. Mas indicamos procedimentos metodológicos que podem mobilizar a reflexão sobre o papel da empatia para as questões sociais envolvidas nas práticas de automutilação, visto a referência constante sobre o julgamento das pessoas em geral. Nessa perspectiva, na medida em que o fomento à empatia possa transformar atitudes preconcebidas, como julgamentos e discriminação diante do comportamento de provocar lesões no próprio corpo, ela se traduz como recurso promissor também para inclusão educacional.

Dessa forma, difundimos o argumento de que o atual discurso biomédico não esgota a discussão sobre as práticas de automutilação e propomos a empatia como um caminho possível para o fomento de uma estratégia político-social, a partir da consideração de uma ética da alteridade como estratégias que favoreçam a promoção de práticas inclusivas de acolhimento e responsabilidade pelo outro em diferentes instituições humanas, especialmente em ambientes educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda são inexistentes os estudos sistemáticos que tenham como foco a discussão das implicações historiográficas para produção de sentidos sobre as práticas de automutilação. Não

há um consenso entre os estudiosos sobre como nomear a automutilação, ao mesmo tempo em que atualmente temos presenciado um aumento de sua incidência em diferentes instituições humanas, especialmente as escolares. Essas ausências abrem portas para a proposição e diversificação nas pesquisas e nos serviços para a prevenção e enfrentamento deste fenômeno.

Abraçamos esse desafio e, ancorados nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural, adotamos uma perspectiva preventiva, que refletiu o foco na historicidade. A partir dos procedimentos metodológicos que foram utilizados, observamos mudanças nas concepções sobre essas práticas, pressupondo-se a dinâmica entre passado e futuro das experiências humanas que se manifestam na janela do presente. Além disso, consideramos que o ciclo de oficinas abriu oportunidade para que os estudantes de Psicologia revisassem ideias sobre as práticas de automutilação e também sobre as pessoas que a manifestam, considerando-se a organização histórica e social do conhecimento humano sobre esse fenômeno. Ao longo das oficinas, essas práticas passaram a ser descritas com características dinâmicas e transitórias, a depender de fatores multifacetados. Fomos convencidos de que fomentamos uma reflexão dos participantes sobre o movimento da historicidade e suas implicações para convivência com pessoas que praticam automutilação.

Finalmente, com o suporte das discussões sobre empatia, abrimos a possibilidade para se considerar, com mais efetividade nas oficinas, o espaço interpessoal nas práticas de automutilação que, tradicionalmente, são atribuídas restritivamente ao nível individual, ao cérebro e aos processos bioquímicos, dentro de uma abstração do isolamento de um corpo de suas relações com o ambiente. Também abrimos caminhos para se desestabilizar fronteiras conceptuais que tratam pensamentos como questões da cabeça e sentimentos de dor como resposta à agressão ao corpo. Essa discussão aplicada ao tema das práticas de automutilação, durante o ciclo de oficinas, viabilizou-nos atuar com uma abordagem crítica, eminentemente comprometida com aspectos culturais, éticos e políticos do desenvolvimento humano e, dessa forma, oportunizou-nos agir para transformações nas relações humanas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S.; VIEIRA, N. M. S.; SILVA, A. A. A inclusão social de pessoas que praticam automutilação sob o olhar da psicologia sócio-histórica. *In: GONTIJO, C. E. O. (Org.). Ciências e desenvolvimento: um olhar sobre a humanidade. Piracanjuba\GO: Editora Conhecimento Livre, 2020, p. 912-929. DOI: 10.37423\2007020075.*

ARATANGY, E. W. *et al.* (Orgs.). **Como lidar com a automutilação**: guia prático para familiares, professores e jovens que lidam com o problema da automutilação. São Paulo: Hogrefe, 2017.

ARAÚJO, M. L. **Empatia e aliança terapêutica sob a ótica dos terapeutas cognitivo-comportamentais**. 2014, 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17215>>. Acesso em 05 Out. 2020.

ARCOVERDE, R. L. **Autolesão e produção de identidades**. 2013, 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/845>>. Acesso em 09 Mar. 2021.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Pontes, 2006. Vol. II

BERNARDES, S. M. **Tornar-se (in)visível**: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam. 2015, 123 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135810>>. Acesso em 12 Mar. 2021.

BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2015, p. 21-46.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

BRANDÃO JÚNIOR, P. M. C.; CANAVÊZ, F. O Corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. *Analytica - Revista de Psicanálise*. São João Del-Rei, v. 7, n. 13, Dez. 2018, p. 179-191. Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/3341>>. Acesso em 26 Mar. 2021.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAETANO, M. M. A Semântica: da liberdade das palavras no léxico e no discurso às regras na gramática. **Ecos de Linguagem**. Rio de Janeiro, s/v, n. 7. Dez. 2015, p. 04-17. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/ecosdelinguagem/article/viewFile/33141/2379>>. Acesso em 15 Jun. 2021.

DEMANTOVA, A. G. **Automutilação na adolescência**: corpo marcado, corpo atacado. Curitiba: CRV, 2020.

DETTMER, S. E. S. **Cutting**: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS). 2018, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Fundação Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados\ MS, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix>>. Acesso em 22 Abr. 2021.

DE VILHENA, J. Corpo como tela... Navalha como pincel: a escuta do corpo na clínica psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 19, n. 4, Dez. 2016, p. 691-706. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pidS1415-47142016000400691&scriptsci_abstract&tnpt>. Acesso em 05 Mar. 2020.

FERREIRA JÚNIOR, A. **Discursos nos comentários sobre notícias de suicídio na internet a partir de três estudos de casos**. 2016, 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/Tese%20Ferreira_Avimar.pdf>. Acesso em 25 Jul. 2020.

FORMIGA, N. S. A Mensuração da empatia: propriedade psicométrica da consistência de sua estrutura fatorial. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo, v. 33, n. 84, Jun. 2013, p. 41-52. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/946/94.pdf>. Acesso em 04 Out. 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GONÇALVES, J. N. **“Vocês acham que me corto por diversão?” – Adolescentes e a prática da automutilação**. 2016, 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/VocesAchamQue>>. Acesso em 16 Nov. 2019.

GUIMARÃES, P. M. **Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua: considerações sobre metodologias na psicologia cultural**. 2018, 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <[Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua considerações sobre metodologias na psicologia cultural.pdf\(ufal.br\)](http://Narrativas%20autobiogr%C3%A1ficas%20de%20adultos%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua%20considera%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20metodologias%20na%20psicologia%20cultural.pdf(ufal.br))>. Acesso em 02 Maio 2021.

HENRIQUES, R. L. S. P. A Automutilação nas políticas públicas de saúde mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**. Minas Gerais, v. 3, n. 6, Dez. 2018, p. 172-189. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/163>>. Acesso em 08 Jul. 2020.

JUSTO, A. R.; CARVALHO, J. C. N.; KRISTENSEN, C. H. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. **Psicologia, Saúde e Doenças**. Porto Alegre\RS, v. 15, n. 2, Jun. 2014, p. 510-523. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v15n2/v15n2a14.pdf>>. Acesso em 04 Out. 2020.

LOPES, J. J. B. **Quem sou eu(s) em ti? A tácita alteridade na automutilação**. 2012, 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/70651643.pdf>>. Acesso em 04 Jul. 2020.

LYRA, M. C. D. P.; RIBEIRO, A. K. R.; DeCONTI, L. Temporalidade e interpretabilidade na análise de narrativas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Recife\PE, v. 34, n. 3431, Jun. 2018, p. 1-10. Disponível em: <Vista do Temporalidade e Interpretabilidade na Análise de Narrativas (unb.br)>. Acesso em 02 Maio 2021. DOI: 10.1590/0102.3772e3431.

PALAU, J. R. F. **A Força salvífica da mortificação**: proposta de uma nova reflexão teológico-pastoral acerca da mortificação cristã. 2007, 338 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Mar. 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/10064/10064_.PDF>. Acesso em 23 Fev. 2020.

PÉREZ DE PLÁ, E. Infância e DSM. Os transtornos globais do desenvolvimento e a deficiência mental. In: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, S. (Orgs.). **O Livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Lettera, 2011, p. 175-204.

RAMOS, M. O. **Avaliando o desenvolvimento da teoria da mente e da empatia em crianças e a possível relação destes processos**. 2012, 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11282>>. Acesso em 04 Out. 2020.

REIS, C. E. S. Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. **Revista Gestalt-Terapia na Rede**. São Paulo, v. 15, n. 29, Dez. 2018, p. 131-146. Disponível em: <www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc>. Acesso em 10 Mar. 2020.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência & Profissão**, v. 23, n. 4, São Paulo, 2003, p. 64-73. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp>. Acesso em 08 Abr. 2021.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5ª ed. Lisboa: Ed. Calouste Gulbenkian, 1964.

VALSINER J. **Fundamentos da psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. Vigotski como filósofo da ciência. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 08, n. 02, São João Del-Rei, Dez. 2013, p. 143-147. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/File/revistalapip>>. Acesso em 08 Abr. 2021.

VIEIRA, N. M. Ética e estética na produção de sentidos no começo da vida: considerações sobre a simultaneidade do passado e futuro no presente. **Bakhtiniana**. São Paulo, n. 11, v. 3, Dez. 2016, p. 174-195. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/zk5TWgpjJhCXmSrSrGsM4vCformatpdf&langptpd>>. Acesso em 17 Jun. 2021.

VIEIRA, N. M. Narratividade: uma abordagem para prática e pesquisa em psicologia escolar crítica. In: MARINHO-ARAÚJO, C.; SANT'ANA, I. M. (Orgs.). **Práticas exitosas em psicologia escolar crítica**, volume 2. Campinas\SP: Alínea, 2020, p. 55-72.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **O Desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de TCLE utilizado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466/12)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: “**Historiografia das práticas da automutilação: produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior**”, que será realizada através da plataforma virtual *Google Meet* - Anexo II, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Nadja Maria Vieira da Silva e pelo pesquisador Rodrigo da Silva Almeida, estudante do Mestrado em Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. A seguir, informações sobre a pesquisa e sobre a sua participação, para que você possa compreender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

1. O estudo tem como objetivos centrais explorar a perspectiva da historiografia nas práticas da automutilação e investigar suas implicações para a produção de sentidos sobre automutilação negociados em narrativas de jovens no ensino superior.
2. A importância deste estudo é a construção de conhecimento científico e diversificação de abordagens em Psicologia sobre as práticas da automutilação a partir de uma perspectiva preventiva.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:
 - Discutir um método historiográfico no âmbito das pesquisas em Psicologia;
 - Discutir a inclusão enquanto políticas públicas voltadas para o âmbito das práticas de automutilação;
 - Refletir sobre a experiência de se colocar no lugar do outro como uma estratégia de enfrentamento às barreiras atitudinais.
4. A coleta de dados começará no ano de 2021, somente após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e terminará também em 2021.
5. O estudo será desenvolvido da seguinte maneira: os jovens serão convidados a participar de oficinas que fomentem a escrita de narrativas através da plataforma virtual *Google Meet*. Essas serão guardadas pelo pesquisador para análises posteriores.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: nas rodas de conversa e na escrita de narrativas durante as oficinas virtuais.
7. Os incômodos e possíveis riscos para sua saúde física e/ou mental são mínimos e foram descritos a seguir, assim como as medidas adotadas pelo pesquisador para minimizá-los/saná-los:
 - a) Para minimizar prejuízos e potenciais riscos à saúde e à integridade dos participantes e dos pesquisadores desta pesquisa, diante da pandemia do coronavírus, manteremos o isolamento social, operacionalizando todos os encontros com os participantes exclusivamente através da plataforma virtual *Google Meet*. Essa medida segue as diretrizes do Ministério da Saúde, que prescrevem orientações para protocolos em saúde mental e demais ciências humanas e sociais no cenário da COVID-19. Essas orientações foram elaboradas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP); b) A quebra de sigilo involuntária e não intencional sobre seus dados, será minimizada com a nossa garantia de que esses dados estarão disponíveis apenas para a nossa equipe de pesquisa, que se compromete com seu sigilo e fará tudo o que estiver ao alcance para mantê-lo, com a guarda segura e não divulgação do material, assim como se compromete com a garantia de indenização no caso de ocorrer a quebra de sigilo; c) O cansaço mental durante a realização das atividades, será minimizado pela nossa garantia de que você terá o

tempo de resposta que achar necessário, caso considere que o cansaço não lhe impede de participar da pesquisa. Do contrário, terá a garantia de participar da pesquisa em outra oportunidade, em nova data e horário decididos em comum acordo; d) A perda de tempo com a sua participação neste estudo será minimizada pela explicação de todos os passos metodológicos antes da assinatura do TCLE e explicação dos objetivos da pesquisa, esclarecendo-se que a sua participação contribuirá para compreensão do fenômeno das práticas da automutilação; e) O constrangimento por não saber responder algumas das perguntas que lhes serão dirigidas, será minimizado com a sua liberdade de escolha por não responder o que não lhe convenha, com a garantia de sigilo das informações concedidas, conforme descrito anteriormente; f) A insatisfação e/ou irritação por ter seu discurso registrado em arquivos escritos virtuais, será minimizada pela garantia do direito de não escrever, caso você não concorde, ou a garantia de desistir da pesquisa, caso ela já tenha se iniciado e você deseje não mais prosseguir. Além disso, compreendemos que é possível haver desconforto diante de possíveis temáticas que poderão surgir durante a proposição das atividades, podendo acontecer de o/a participante apresentar timidez, vergonha e até mesmo choro por ser um tema delicado, ou qualquer outro incômodo desta natureza. Caso ocorra algo desse tipo, nos prontificamos em oferecer suporte psicológico imediato e fazendo os devidos encaminhamentos para que a pessoa receba acompanhamento psicológico gratuito e de qualidade através do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), no Instituto de Psicologia (IP), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Portanto, fica claro que a equipe de pesquisa se coloca à disposição para minimizar/sanar quaisquer incômodos e riscos promovidos por este estudo das formas apresentadas acima.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que indiretamente, são: a construção de conhecimento científico e diversificação de abordagens em Psicologia sobre as práticas da automutilação, a partir de uma perspectiva preventiva. Outro benefício será compor um banco de dados com material empírico que possibilitará o desenvolvimento de um estudo inédito sobre o fenômeno da automutilação, com o compartilhamento dos resultados obtidos na pesquisa com a Universidade e com órgãos de Educação e de Saúde do Estado de Alagoas.

9. Você poderá contar com a seguinte assistência: acolhida para os desconfortos possíveis já relacionados anteriormente, podendo inclusive recusar a participação caso seja sua escolha. O responsável pelo estudo será o pesquisador: Rodrigo da Silva Almeida.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto (será providenciado um *feedback* verbal junto aos participantes) e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. Em qualquer momento, você poderá recusar em continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a sua identificação, exceto para a equipe de pesquisa, e a divulgação das mencionadas informações só será permitida entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização.

13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

14. Você será indenizado (a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Você receberá uma via do TCLE assinado por todos.

16. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participantes de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas

as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu _____, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO\A.

Contato do Comitê de Ética da UFAL:

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n -
Campus A. C. Simões,
Bairro: Cidade Universitária
CEP: 57.072-900
Telefone: (82)3214-1041
UF: AL Município: Maceió
E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Contato de urgência:

Sr. Rodrigo da Silva Almeida
Endereço: Rua Padre Luiz Américo Galvão
Nº 434. Bairro: Cruz das Almas
Cidade/CEP: Maceió \AL 57037-540
Telefone: (82) - 9 - 9999-9918
E-mail: rodrigoalmeidapsi@gmail.com
Ponto de referência: Próximo à Casa Vieira

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPsi – Mestrado Acadêmico - Instituto de Psicologia - IP
Endereço: Campus A. C. Simões – Av. Lourival Melo Mota, s/n, Cidade Universitária, Maceió/AL Bairro: Tabuleiro do Martins. Cidade/CEP: Maceió – 57072-900
Telefone: (82) 3214-1353. E-mail: coordenacao.ppgpsi@ip.ufal.br
Ponto de referência: Próximo ao prédio da Faculdade de Letras – FALE

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Endereço: Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs. E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, _____ de _____ de _____.

<p>Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas</p>	<p>Rodrigo da Silva Almeida (Pesquisador responsável pelo estudo) (Rubricar as demais páginas)</p>
---	--

APÊNDICE B – Frequência das unidades temáticas (Passado, presente e futuro):

Quadro 20 – Frequência na narrativa coletiva (Passado)

Tema	Frequência
Solidão	1
Tempo	1
Sentimento	1
Dor/machucar	1
Ajuda	1
Comunicação/relato	2
Compreender/entender	1
Julgamento	1
Sufrimento	1
Confiança	1

Quadro 21 – Frequência nas narrativas individuais (Presente)

Tema	Frequência
Sufrimento	6
Julgamento	3
Comunicação/relato	8
Escuta	3
Ajuda	1
Situação	1
Solução	3
Ressignificar	1
Exteriorizar	1
Canalizar	1
Sentimento	3

Saída	1
Exposição	1
Culpa	1
Sentir mal	1
Olhar/enxergar	1
Reconhecimento	1
Acolher	2
Público	1
Motivos	1
Reflexão	1
Punição\culpa	1
Soluções alternativas	1
Diálogo	1

Quadro 22 – Frequência na narrativa coletiva (Presente)

Tema	Frequência
Olhar	1
Sentimento	1
Julgamento	1
Filme de terror	1
Comunicação/conversa	1
Igreja	2

Quadro 23 – Frequência na narrativa coletiva (Futuro)

Tema	Frequência
Tratamento	1
Superar	1

Marcas corporais	1
Futuro	1
Medo	1
Cobrança	1
Vida/história	1
Alegria	1

ANEXOS

ANEXO A – Autorização do Instituto de Psicologia/ UFAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo, para os devidos fins junto ao Comitê de Ética da UFAL, que o Instituto de Psicologia (IP) permita a realização da pesquisa “**Historiografia das práticas da automutilação: produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior**”, sob a responsabilidade dos pesquisadores: Dra. Nadja Maria Vieira da Silva e Rodrigo da Silva Almeida, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com sua comunidade acadêmica. Ademais, vale destacar que o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) presta assistência psicológica à comunidade acadêmica e externa à Universidade. Assim, atesto ainda que, caso haja necessidade, os sujeitos da referida pesquisa, poderão ser encaminhados ao SPA, dentro do seu horário de funcionamento, para receber assistência psicológica.

Maceió, 22/10/2020.

A handwritten signature in black ink, consisting of two distinct parts, likely representing the initials of the signatory.



Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes

SIAPE 1518410

Diretor do Instituto de Psicologia/IP
Universidade Federal de Alagoas/UFAL

Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes

Diretor - Instituto de Psicologia/UFAL

ANEXO B - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DA AUTOMUTILAÇÃO: PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM NARRATIVAS DE JOVENS NO ENSINO SUPERIOR

Pesquisador: RODRIGO DA SILVA ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40259120.6.0000.5013

Instituição Proponente: Universidade Federal de Alagoas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.498.439

Apresentação do Projeto:

Projeto de Mestrado oriundo do Programa de Pós Graduação em Psicologia (Instituto de Psicologia) da UFAL, que busca explorar a perspectiva da historiografia nas práticas da automutilação e investigar suas implicações para a produção de sentidos, o que se propõe a ser feito por meio de narrativas de jovens no ensino superior.

Objetivo da Pesquisa:

Explorar uma perspectiva historiográfica sobre as práticas da automutilação, buscando narrativas de jovens no ensino superior para discutir sobre um método historiográfico no âmbito das pesquisas em Psicologia e refletir sobre a experiência de se colocar no lugar do outro (empatia) como uma estratégia de enfrentamento às barreiras atitudinais dirigidas às pessoas que praticam automutilação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados pelos pesquisadores parecem baixos, limitando-se ao cansaço em participar das pesquisas, desmotivação, tendo como o mais complexo a possibilidade de ocorrer algum desconforto emocional, havendo, todavia, o compromisso de, em sendo concretizado qualquer desses eventuais problemas, o pesquisado contar com atendimento psicológico gratuito do Serviço

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 4.496.439

de Psicologia Aplicada (SPA), no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa Relevante, com temática inovadora e possíveis contribuições ao cenário sócio-educacional.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Anteriormente, os TCLE's não contemplavam a importância e o papel do Comitê de Ética em Pesquisa e Ensino da UFAL, o que fora devidamente alterado pelo pesquisado atendendo todas as exigências legais.

Recomendações:

Sem Recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pesquisa sem óbice ético.

Relatoria Atual:

No projeto inicial, foram constatadas incongruências, as quais se baseiam, em tese, nos aspectos abaixo listados:

a) a metodologia utilizada se limitava a dizer que seria uma pesquisa interventiva com realização de sete oficinas via Google Meet com os participantes, deixando obscuro como aconteceriam tais dinâmicas e, conseqüentemente, quais caminhos seriam utilizados para alcançar o objetivo proposto, que é captar os sentidos da automutilação por meio das narrativas;

Em carta resposta, bem como no projeto acostado nesse segundo momento, o pesquisador detalha de forma minuciosa e totalmente explicativa cada etapa. Assim, tem-se que na primeira oficina será realizada uma roda de conversa introdutória sobre as práticas de automutilação para poder conhecer as ideias dos participantes sobre essa temática, a fim de que, na oficina subsequente, haja o envolvimento dos participantes em situações que lhes permitam pensar como se fossem uma outra pessoa, tomando a perspectiva da alteridade. Metodologicamente, serão apresentados três recortes de vídeos e solicitados aos participantes que eles prestem atenção, já que, em alguns momentos específicos e decisivos, pausar-se-á os vídeos e perguntará o que eles acham que irá acontecer, para só depois de ouvir a opinião de todos, retornar o vídeo e ver o desfecho final.

A Oficina 3 será operacionalizada por uma roda de conversa focalizando dois aspectos: 1) A diversidade de aspectos subjacentes à tomada de perspectiva do outro (empatia) e 2) As implicações do conhecimento partilhado através das diferentes instituições sociais, como mídias,

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 4.498.439

livros, artigos, filmes, etc., para a experiência ontológica de automutilação. Metodologicamente, será solicitado que os participantes retomem os arquivos de suas narrativas individuais escritas na oficina anterior. Nesse sentido, os participantes vão dizer se mantêm as ideias que colocaram em suas respectivas narrativas anteriores ou não, tendo o pesquisador a cautela de fazer esse comparativo.

Na Oficina 4 tem-se o objetivo de que os participantes façam a escrita de uma narrativa coletiva no tempo passado de alguém imaginário que pratica automutilação, a partir da seguinte frase gerativa "A primeira vez que provoquei lesões em meu corpo foi..."

A Oficina 5 terá o mesmo objetivo da anterior, só que os participantes escreverão uma narrativa coletiva de alguém imaginário que pratica automutilação, desta vez será no tempo presente, a partir da seguinte proposição "Às vezes eu provoco lesões em meu próprio corpo, então..."

Na Oficina 6, haverá uma construção voltada ao tempo futuro, a partir da frase gerativa: "Sobre o meu comportamento de provocar lesões no meu corpo eu penso que futuramente"...

A última oficina (7) terá o intuito de observar a forma como os participantes pensavam a automutilação no início das oficinas e como veem hoje essas práticas após a sua participação nas oficinas.

Para análise das narrativas, entende-se que o pesquisador fará uso da Análise do Discurso e da Análise do Conteúdo, inferindo assim as representações significativas das mensagens extraídas. **PENDÊNCIA ATENDIDA;**

b) Melhor esclarecer como se dará a vinculação do estudo com a Educação Inclusiva;

O pesquisador justificou na carta resposta e no projeto, de forma pertinente, que ao trazer à tona a relevância do enfoque histórico sobre as práticas de automutilação haverá a contribuição para a atualização do sentido de inclusão educacional, principalmente por adotar uma perspectiva preventiva, com enfoque na empatia e na historicidade, investindo na diminuição das barreiras atitudinais dirigidas às pessoas que praticam automutilação no âmbito das diferentes instituições humanas, especialmente na escola. **PENDÊNCIA ATENDIDA;**

c) Justificar como será feita a escolha dos pesquisados, tendo em vista que se limita a evidenciar que serão 15(quinze) jovens do ensino superior, sem qualquer critério de elegibilidade dos mesmos;

O pesquisado retifica essa questão no projeto, explicando que os participantes serão selecionados

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 4.498.439

com base nos seguintes critérios: apenas estudantes regularmente matriculados no curso de Psicologia do campus Maceió/AL, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), além disso também deverão estar matriculados na atividade curricular de extensão "CICLO DE OFICINAS PARA PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE AS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO POR JOVENS". A escolha se dará pelo critério de aceitação dos que se enquadrarem nessas condições, sendo ofertadas 15 vagas. PENDÊNCIA ATENDIDA;

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016:

O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

V.S^a. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Seus relatórios parciais e final devem ser apresentados a este CEP, inicialmente após o prazo determinado no seu cronograma e ao término do estudo. A falta de envio de, pelo menos, o relatório final da pesquisa implicará em não recebimento de um próximo protocolo de pesquisa de vossa autoria.

O cronograma previsto para a pesquisa será executado caso o projeto seja APROVADO pelo Sistema CEP/CONEP, conforme Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012).

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 4.498.439

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1660429.pdf	04/01/2021 16:30:40		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CORRIGIDO_PROJETO_AUTOMUTILA CAO_PLATAFORMA.pdf	04/01/2021 16:26:58	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_PLATAFORMA_BRASIL.pdf	04/01/2021 16:02:07	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CORRIGIDO_TALE_MENORES_DE_18.pdf	04/01/2021 16:00:19	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CORRIGIDO_TCLE_MAIORES_DE_18.pdf	04/01/2021 15:59:32	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CORRIGIDO_TCLE_PAIS.pdf	04/01/2021 15:57:10	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	Jeffersonfolhaderostoassinada.pdf	19/11/2020 17:58:39	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracaoinstituicao.pdf	08/11/2020 15:34:45	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	08/11/2020 15:32:45	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracaopesquisadores.pdf	08/11/2020 15:31:15	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	08/11/2020 15:25:27	RODRIGO DA SILVA ALMEIDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.498.439

MACEIO, 14 de Janeiro de 2021

Assinado por:

CAMILA MARIA BEDER RIBEIRO GIRISH PANJWANI
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

